

CADERNOS DE PESQUISA Nº 1

Pegadas e sombras

**Perfil psicossocial de adolescentes atendidas em projeto de
prevenção e enfrentamento da exploração sexual infanto-juvenil**

Lumena Celi Teixeira

COORDENAÇÃO DA PESQUISA E REDAÇÃO

Lumena Celi Teixeira

CONSULTORIA TÉCNICA

Marlene Vaz

ENTREVISTADORES

Alexandre Morais da Silva
Elizabete Borges de Novaes
Fernanda Nogueira
Irene Dias Zeferino Higa
João Carlos Guilhermino da Franca
Paula Magila
Regina Célia Andreazzi
Viviane Gorgatti
Wilson Carlos Bregochi Júnior

APOIO

World Childhood Foundation - Instituto WCF - Brasil

REALIZAÇÃO

CAMARÁ – Centro de Pesquisa e Apoio à Infância e Adolescência
Rua Treze de Maio, 300 – Centro – São Vicente / São Paulo – CEP-11310-330
Tel / Fax: (13) 3467-3944
E-mail: projetocamara@ig.com.br

DIRETORIA DO CAMARÁ Gestão 2001-2003

José Carlos Fernandes
Presidente

Mércia Monteiro Antonelli
Vice-presidente

Luciana Corrêa de Assis Amado
1ª Secretária

Thais Teizen
2ª Secretária

Nélson Kiyoshi Oda
1º Tesoureiro

Na apresentação da Diretoria do
Camará, deixei de citar o Conselho
Fiscal:
Kazumi Ito
João Ferreira Portella
Roberto Fernandes

Agradecimentos

Agradecemos o apoio incondicional da Diretoria do Camará à realização dessa pesquisa, à equipe do projeto pelo seu empenho e pela colaboração na discussão dos resultados, e em especial à Marlene Vaz, que de forma encantadora compartilhou conosco dessa caminhada.

Somos gratos ainda ao Instituto WCF-Brasil pela importante e comprometida parceria, e finalmente às meninas entrevistadas, que com sua simplicidade e generosidade nos permitiram produzir este material, o qual esperamos reverter em benefícios para essas e outras tantas jovens de nosso país.

Apresentação Marlene Vaz 8

Apresentação WCF-Brasil 10

Introdução 11

Considerações metodológicas 12

Capítulo I – Perfil sócio-econômico e familiar 14

Tabela 1 **Idade, cor e estado civil 14**

Tabela 2 **Telefone e bairro 15**

Tabela 3 **Documentos e renda 16**

Tabela 4 **Atividades de trabalho do pai e mãe 19**

Tabela 5 **Atividade principal da adolescente 20**

Tabela 6 **Com quem vive 21**

Tabela 7 **Situação de moradia 22**

Capítulo II – Relação com a Escola 24

Tabela 8 **Situação escolar 25**

Tabela 9 **Motivos da evasão escolar 26**

Tabela 10 **Visão sobre a escola 27**

Capítulo III – Relação com o Sistema de Garantia de Direitos 30

Tabela 11 **Conhecimento sobre o ECA 31**

Tabela 12 **Relação com o Conselho Tutelar 32**

Tabela 13 **Conhecimento sobre Juizado da Infância e Juventude 33**

Tabela 14 **Conhecimento sobre Promotoria da Infância e Juventude 33**

Tabela 15 **Conhecimento sobre Delegacia de Polícia 34**

Tabela 16 **Conhecimento sobre Delegacia de Defesa da Mulher 35**

Tabela 17 **Relação com a polícia 36**

Tabela 18 **Relação com a Febem 37**

Capítulo IV – Questões de saúde 40

Tabela 19 **Cuidados com a saúde 41**

Tabela 20 **Uso da rede de atendimento 42**

Tabela 21 **Doenças 42**

Tabela 22 **Uso de remédios 43**

Tabela 23 **Necessidade médica atual 44**

Tabela 24 **Saúde bucal 44**

Tabela 25 **Necessidade odontológica atual 45**

Capítulo V – Aspectos da sexualidade 46

- Tabela 26 **Educação sexual 47**
- Tabela 27 **Conversas sobre sexualidade 48**
- Tabela 28 **Informação sobre métodos contraceptivos 49**
- Tabela 29 **Uso de métodos contraceptivos 50**
- Tabela 30 **Gravidez e aborto 51**
- Tabela 31 **Informação sobre DST e AIDS 52**
- Tabela 32 **Prevenção de DST e AIDS 52**

Capítulo VI – Uso de drogas 54

- Tabela 33 **Uso de cigarro e álcool 55**
- Tabela 34 **Uso de drogas ilegais 56**
- Tabela 35 **Consumo atual de drogas 57**
- Tabela 36 **Tratamento para drogadição 57**

Capítulo VII – Religião, Cultura e Lazer 60

- Tabela 37 **Religião 61**
- Tabela 38 **Cultura e esporte 62**
- Tabela 39 **Atividades de lazer 63**

Capítulo VIII – Relações interpessoais 66

- Tabela 40 **O que valoriza nos amigos 67**
- Tabela 41 **O que desaprova nos amigos 68**
- Tabela 42 **Quem admira e por quê 69**
- Tabela 43 **Quem respeita e por quê 71**

Capítulo IX – Projetualidade 74

- Tabela 44 **Necessidades 75**
- Tabela 45 **Desejos 76**
- Tabela 46 **Medos 78**
- Tabela 47 **Projetos futuros 79**

Considerações Finais 82

Bibliografia recomendada 84

anexo: modelo de pesquisa 86

“Na floresta há sendas,
Muitos se perdem.
No cerro da vegetação
De repente, desaparece
a trilha
E acaba no intransitado.
Cada senda caminha
separada,
Na mesma floresta,
Quando sempre apare-
ce uma igual à outra.
Mas só aparecem assim.
Lenhadores e vigias da
mata conhecem os
caminhos.
Eles sabem
O que é
Estar numa senda
perdida.”

Heidegger, *Sendas Perdidas*

Na narrativa oriental “A Via de Chuang Tzu”, um homem ficava perturbado ao contemplar sua sombra e extremamente infeliz com suas próprias pegadas. Como sua sombra e suas pegadas o acompanhavam, para fugir de ambas resolveu correr mais e mais, até cair morto. O erro dele foi não ter percebido que se apenas pisasse num lugar sem luz, sua sombra desapareceria e, se sentasse imóvel, não apareceriam mais suas pegadas.

O senso comum imagina que as OGs e ONGs que atuam no atendimento a meninas prostituídas devem fazer com que as meninas corram, fujam “do mundo da perdição” ou da sombra, e esqueçam seu passado “pecaminoso” ou de suas pegadas. É aí que incide o grande engano.

Quando realizei para o UNICEF, em 1996, o “Situação do Abuso Sexual e da Prostituição de Crianças e Adolescentes no Brasil”, aprendi que ninguém “salva meninas do mundo da perdição” ou “tira meninas da prática da prostituição”. Da mesma forma, essas meninas não conseguem apagar suas pegadas ou seu passado fugindo dele.

Com isso, quero dizer que ninguém conseguirá orientar uma menina prostituída a construir um novo projeto de vida sem antes aceitá-

Sombras e as pegadas das meninas do Camará

la, naquele momento e no seu habitat, na selva de pedra ou de barro.

É como nos ensina, no texto ao lado, a sabedoria de Heidegger em *Sendas Perdidas*.

O presidente do **Camará**, Dr. José Carlos Fernandes, advogado sensível, confiou nos competentes e comprometidos profissionais Lumená Celi Teixeira e João Carlos G. da Franca, que por sua vez montaram uma equipe de técnicos, capacitando-os constantemente e, especialmente, procurando desenvolver uma linha psicopedagógica inovadora para o enfrentamento da questão, sendo ao mesmo tempo *lenhadores* e *vigias* dessa *floresta*, dessa selva de pedra ou de barro, palco da violência sexual contra crianças e adolescentes.

Eles têm consciência do quanto é difícil trabalhar com o fato social da exploração sexual comercial de meninas, porque estando numa *senda*, *de repente*, *desaparece a trilha*, e por isso mesmo vêm desenvolvendo a coragem de admitir o fracasso quando perdem a trilha, reavaliando as ações e recomeçando a busca de outras saídas para reencontrarem a trilha e prosseguirem o caminho.

Sou testemunha de que eles buscam acertar, não se descuidando dos aspectos teóricos e

avaliando os resultados, na representação concreta do *laboratório* que mantêm no Camará, convidando as meninas para que parem de correr da própria sombra, parando para enfrentar seus fantasmas e terem a audácia de sair da falsa luz que projeta suas sombras rejeitadas, para pisarem em lugares sombrios, quietos, onde possam pensar, refletir, de forma a construir luz própria, projetando novas sombras e cravando novas pegadas, cada uma a seu modo.

Senti isso quando presenciei as meninas do Camará, nas diversas atividades desenvolvidas pelo projeto e, admito, sem ter receio de expor minha emoção, que essas meninas ficaram guardadas num especial lugar do meu coração. Desejo que se apaziguem com seus fantasmas e acertem suas pisadas.

E é isto que o Camará pretende com essa pesquisa sobre “As Meninas” - acertar na trilha que permeará as **sombras** e as **pegadas** das meninas do Camará, para um futuro de meninas cidadãs brasileiras.

Marlene Vaz

É com grande honra que apresentamos a pesquisa “Perfil Psicossocial de Adolescentes Atendidas em Projeto de Prevenção e Enfrentamento da Exploração Sexual Infanto-Juvenil”, realizada pelo Núcleo de Pesquisa Camará durante a execução do *Projeto As Meninas – Fase III*, apoiado pelo Instituto WCF-Brasil.

Inicialmente, a pesquisa abordaria fatores emocionais e estruturais responsáveis por promover o desenvolvimento psicológico saudável em adolescentes em situação de risco social. No entanto, a riqueza do material colhido durante as entrevistas fez com que um novo foco surgisse: o levantamento do perfil psicossocial de adolescentes em situação de risco, extremo risco ou exploração sexual.

A mudança do foco da pesquisa apresenta ao público uma das faces do Projeto Camará responsável por sua ótima atuação no combate à violência sexual contra crianças e adolescentes: flexibilidade e senso de oportunidade em relação ao enfrentamento deste tipo de violência, que fere e marca profundamente as vidas das crianças e adolescentes vitimados.

Esta parceria com o Camará, estendida por mais de um ano, é extremamente estratégica para a atuação do Instituto WCF-Brasil, tanto no que se refere à melhoria da qualidade no atendimento, como também à análise da realidade e produção de conhecimento, relevantes para o embasamento de políticas públicas nesta área.

Ana Maria Drummond

Diretora Executiva do Instituto WCF-Brasil

Apresentamos aqui os resultados da pesquisa realizada pelo *Núcleo de Pesquisa Camará*, para estabelecimento do perfil psicossocial das jovens participantes do *Projeto As Meninas – fase III*, desenvolvido no município de São Vicente, litoral do estado de São Paulo, com apoio da *World Childhood Foundation – Instituto WCF-Brasil*.

O *Camará* é uma organização não governamental preocupada especialmente com as questões da juventude em situação de risco social, que se estrutura em três núcleos programáticos. Além do Núcleo de Pesquisa, que oferece também atividades de capacitação profissional, estabelece um Núcleo Psicossocial para acompanhamento em diversas modalidades, e um Núcleo de Cultura, coordenado conjuntamente com os jovens, que através de atividades educativas e de arte-educação, fomenta a participação consciente e cidadã desses jovens na instituição e na comunidade. Conta com diversos parceiros para projetos específicos, sempre voltados para a inclusão social e o desenvolvimento integral de seu público alvo.

O *Projeto As Meninas – fase III*, referido ao Plano Nacional Contra a Violência Sexual Infanto-Juvenil (Natal, 2000), propõe a realização de ações preventivas junto a meninas em situação de risco, atendimento especializado junto a meninas em extremo risco e exploração sexual¹, além da realização de pesquisa que subsidie o trabalho de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. Desenvolvido de julho de 2001 a julho de 2002, trata-se de uma continuidade do trabalho realizado desde 1999, época da implantação da primeira fase desse projeto.

A meta estabelecida em sua terceira fase foi atender a um universo de 50 adolescentes do sexo feminino, aqui chamadas carinhosamente de “meninas”, além de desenvolver ações com seus familiares e com outros profissionais da rede de apoio social. Um dos resultados desse projeto apresentamos aqui, na forma de pesquisa psicossocial, com o intuito de aprofundar conhecimentos sobre importantes aspectos da vida dessas jovens, fornecendo elementos para melhor qualificar os trabalhos desenvolvidos junto a esse grupo social.

¹ Vale apresentar ao leitor duas definições de *exploração sexual*, que se complementam:

“*Implica o envolvimento de crianças e adolescentes em práticas sexuais, através do comércio de seus corpos, por meios coercitivos ou persuasivos, o que configura uma transgressão legal e a violação de direitos e liberdades individuais da população infanto-juvenil.*” (Leal, 1999)

“*Ato ou jogo sexual em que o adulto utiliza a criança ou o adolescente para fins comerciais, através de relação sexual, manipulação, indução a participação em shows eróticos, casas de massagens, fotografias e filmes pornográficos, etc.*” (Vaz, 2002)

A exploração sexual comercial de meninos, meninas e adolescentes é compreendida através de quatro modalidades: Prostituição Infanto-juvenil, Pornografia, Turismo Sexual e Tráfico. No *Projeto As Meninas*, por contingências do contexto social local, focalizamos nossa atenção à Prostituição Infanto-juvenil, nesse estudo denominada, então, de *exploração sexual*.

Coleta e tratamento dos dados

O questionário aplicado às 50 jovens participantes do *Projeto As Meninas – fase III* consistiu, em sua maioria, de perguntas fechadas com alternativas para a resposta. Com o intuito de apreender diferentes aspectos da subjetividade das meninas, também foram aplicadas perguntas abertas, para que pudessem se expressar livremente sobre algumas questões.

Este questionário semi-estruturado foi elaborado para obtenção das informações necessárias ao processo inicial de acompanhamento psicossocial proposto no âmbito do projeto. Contempla, portanto, aspectos sócio-econômicos, familiares, escolares, de saúde, de sexualidade e culturais num sentido amplo. Inicialmente o instrumento de pesquisa foi testado em cinco adolescentes, sofrendo pequenos ajustes e ganhando mais questões abertas, de maneira a atender melhor nossos objetivos.

As entrevistas foram realizadas pela equipe técnica do Camará, num total de nove pessoas, entre psicólogos, assistentes sociais, educadores e acompanhantes terapêuticos, após um breve treinamento sobre a aplicação do questionário. Em média gastou-se duas horas na realização de cada entrevista, sendo que algumas foram aplicadas em dois encontros. Nesses casos, ao perceber que a menina estava cansada, o entrevistador propunha que continuassem em outro dia, visando não comprometer a qualidade das respostas. A aplicação do questionário, em todos os casos, cumpriu uma dupla função. Tratava-se de levantar informações que nos possibilitassem delinear o perfil psicossocial dessas meninas, ao mesmo tempo em que proporcionava ao profissional a oportunidade de estabelecer ou estreitar

um vínculo de confiança com cada uma delas. Este vínculo positivo significaria, para a jovem, o primeiro passo para sua inserção no projeto.

As 50 entrevistas foram realizadas entre setembro de 2001 e fevereiro de 2002, geralmente nas dependências do Camará. Um pequeno número delas aconteceu no domicílio da menina, nos casos em que esta pouco vinha ao Camará, o que demandava, no âmbito do projeto, ações de acompanhamento psicossocial fora do ambiente institucional.

As respostas às perguntas fechadas foram tabuladas simplesmente segundo a frequência com que apareceram. Quanto às perguntas abertas, foram estabelecidas categorias mais abrangentes para que pudessemos ter uma visão global das respostas. As respostas específicas são citadas na análise das tabelas correspondentes.

A análise de cada tabela contou com momentos de compartilhamento e discussão com toda a equipe do Camará, de maneira que pudesse retratar elementos de análise presentes no olhar dos profissionais que acompanham cotidianamente as jovens em seus processos educativos e psicológicos. Buscou-se, com essa metodologia, uma análise qualitativa que se aproximasse bastante da realidade concreta de nosso público alvo, pautada pelas leituras de uma equipe que vem trabalhando longa e intensamente com esse grupo social.

Grupos categoriais

A classificação de cada jovem em situação de “Risco” (R), “Extremo Risco” (ER) ou “Exploração Sexual” (ES) deu-se após avaliação em equipe, considerando-se as condições de vida da menina no momento da entrevista. No universo

Considerações metodológicas

das 50 jovens em questão identificamos 27 em situação de Risco, 11 em Extremo Risco e 12 em Exploração Sexual.

A categoria ES concentra as meninas que na ocasião faziam programa sexual comercial, incluindo algumas que não haviam explicitado ainda seu envolvimento (nesses casos, os profissionais tinham conhecimento de sua situação atra-

vés de relatos ou indicações de amigas). Delimitando a violência sexual como foco de nossa análise, esse grupo está constituído de meninas que, prostituídas, ultrapassaram a condição de risco e foram, portanto, *vitimizadas*. De outro lado, a diferenciação entre R e ER está referida ao grau de risco pessoal e social, que buscamos identificar avaliando os seguintes fatores:

Com quem vive: A menina mora com familiares? Com amigos da mesma faixa etária? Com estranhos? A menina já saiu de casa? Está na rua? Onde mora?

Família: Qual o grau de fragilidade das relações familiares? A família exerce seu lugar de autoridade? A família responde aos convites do projeto? A menina tem filhos? Quem cuida deles?

Renda: Qual o seu nível de pobreza? Tem atividades de geração de renda? Como garante a sobrevivência?

Relação com a escola: Está matriculada? Com que frequência a menina vai à escola? Está fora da escola e não se interessa em voltar?

Saúde: A jovem faz uso de drogas? Em que grau? Apresenta problemas de saúde? De que gravidade?

Socialização: Quem são seus amigos? Que lugares frequenta? A menina exerce liderança no grupo? De que tipo?

Relação com a lei: A menina praticou ou pratica atos infracionais? Tem passagens pela polícia? Pelo Conselho Tutelar? Pela Vara da Infância e Juventude?

Entendemos que a situação de Risco ou de Extremo Risco, sendo uma questão de grau, é também circunstancial. Essa classificação, portanto, não deve servir para delimitar grupos distintos, mas — e aí reside sua importância — para suscitar as metodologias de atendimento mais adequadas a determinado momento de vida daquela menina. A avaliação da condição de risco de cada jovem deve ser constante, de maneira a nortear o projeto de atendimento formulado para cada caso. Quando o grau de risco pessoal ou so-

cial aumenta (extremo risco), e com ele a vulnerabilidade à violência sexual, há que se intensificar as ações de acompanhamento psicossocial, de maneira a oferecer maior suporte para sua superação.

Explicitamos assim o objetivo geral de nossa pesquisa: detectar e analisar o perfil psicossocial das meninas atendidas pelo projeto, identificando as peculiaridades de cada categoria, para melhor qualificar o atendimento a esse grupo social.

CAPÍTULO I

**perfil
sócio-econômico
e familiar**

Analisaremos neste primeiro capítulo os aspectos mais relevantes em relação à caracterização das meninas por idade, cor, estado civil, renda, situação familiar e de moradia. Estes da-

dos serão apresentados em sete tabelas, sempre diferenciados pelas categorias de classificação dos sujeitos. Abaixo de cada tabela apresentaremos a análise dos temas abordados.

Tabela 1 idade, cor e estado civil

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Idade								
12 a 14 anos	5	18,52	3	27,27	2	16,67	10	20,00
14 a 16 anos	8	29,63	4	36,36	3	25,00	15	30,00
16 a 18 anos	11	40,74	2	18,18	5	41,67	18	36,00
Maior de 18 anos	3	11,11	2	18,18	2	16,67	7	14,00
Cor								
Mestiça	13	48,15	8	72,73	7	58,33	28	56,00
Branca	9	33,33	2	18,18	2	16,67	13	26,00
Negra	5	18,52	1	9,09	3	25,00	9	18,00
Estado Civil								
Solteira	23	85,19	11	100,00	10	83,33	44	88,00
Casada	3	11,11	0	—	2	16,67	5	10,00
Separada	0	—	0	—	0	—	0	—
Viúva	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00

Inicialmente, gostaríamos de esclarecer a presença de sete jovens maiores de 18 anos no universo de sujeitos entrevistados, já que o público alvo do *Projeto As Meninas* são adolescentes. Trata-se de seis jovens com 18 anos completos e uma com 19 anos, todas frequentadoras do Camará há mais tempo, atendidas pela instituição durante as fases anteriores do mesmo projeto. Pela boa vinculação ao atendimento e avanços significativos quanto à formulação de novos projetos pessoais, optamos por incluí-las, a despeito de já terem atingido a maioria, para garantir a continuidade desse atendimento.

Observamos na tabela acima que a categoria Extremo Risco (ER) é a que apresenta, proporcionalmente, maior número de meninas mais novas (ou com menos anos de vida). Lembremos que a classificação nas categorias de risco deu-se a partir da avaliação da equipe do projeto, e que a relação entre idade e fatores de vulnerabilidade é mais um indicador de gravidade da situação. Sendo assim, o fato indicado na tabela parece traduzir o olhar do próprio profissional, que atribui, de forma mais imediata, uma relação inversamente proporcional en-

tre o grau de risco e a idade da adolescente. Ou seja, identifica-se mais facilmente uma menina em situação de extremo risco, quanto mais nova ela é. Ao definir o grupo a ser acompanhado no âmbito do projeto, certamente este foi um dos critérios, ainda que implícito, a ser considerado na escolha das meninas.

A atribuição de “cor” das meninas foi feita pelo entrevistador, significando, portanto, a avaliação dos profissionais e não a da própria menina. Nossa intenção era identificar a proporcionalidade racial entre as participantes do projeto, que veio a confirmar outros estudos sobre o tema: significativa maioria das meninas expostas à exploração sexual é constituída de negras e mestiças (ou afrodescendentes). Trata-se de um reflexo das relações de desigualdade racial em nossa sociedade, que historicamente tem relegado a esse grupo social posição desprivilegiada quanto ao acesso a bens e serviços básicos para a garantia do bem-estar social. Uma das piores consequências é a condição de vitimização dessa parcela da população a diversas formas de violência, inclusive a sexual.

Quase 90% das meninas se dizem solteiras.

É curioso observar a ausência total de meninas que se consideram “separadas”, porque é muito comum se referirem a rapazes como *maridos*, ao denotarem uma relação afetiva mais estável. No entanto, quando finda a relação, consideram-se novamente “solteiras” e não “separadas”. Este fato nos revela aspectos da maneira peculiar com que meninas em situação de risco, em geral lidam com o tempo. Costumam significar suas atitudes de forma imediata, pautadas no presente, não percebendo ou desconsiderando a concatenação dos fatos no tempo, desprezando a noção de processo. Aos seus olhos o presente torna-se bastante em si mesmo, retrata em sua totalidade a experiência vivida naquele instante, ofuscando a necessidade de referi-la a vivências anteriores. Esse aspecto da subjetividade dificulta às meninas a resignificação de seu próprio lugar nas relações afetivas, que se transformam com o passar do tempo; elas inauguram, a cada relação, um lugar aparentemente novo que é repetição de um padrão anterior, justamente porque não elaborado.

Devemos esclarecer que apontou-se como “casada” a menina que se considera enquanto tal. Oficialmente, seriam todas solteiras. A única menina considerada “viúva” citou o fato do com-

panheiro ter sido assassinado havia três meses, deixando-a grávida. No momento da entrevista sua gravidez completava quatro meses.

Ressaltemos a ocorrência de duas jovens em situação de Exploração Sexual (ES) e “casadas”. Uma encontra-se com o companheiro preso e um bebê recém nascido. Sabemos que elas contribuem financeiramente com a renda familiar, e que os companheiros conhecem a origem desse dinheiro. Esse que está preso, inclusive, envia recados sobre dívidas que precisaria quitar dentro da prisão e a jovem sente-se responsável por providenciar tal quantia. Tal situação revela diferentes aspectos da moralidade nessas relações, se comparados aos da moral burguesa vigente em nossa sociedade. Meninas que fazem programa não escondem de seus companheiros a fonte de sua renda. Ao contrário, muitas vezes são estimuladas por eles. A prostituição é considerada contravenção, como furto ou tráfico de drogas, sem resvalar em condenações morais. Aos olhos desse grupo social trata-se de uma atividade geradora de renda, assim como aquelas infrações, considerada como saída ao impasse criado entre a necessidade material e a falta de possibilidades e oportunidades para obtenção de um bom emprego.

Tabela 2 telefone e bairro

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Fone								
Residencial	15	55,56	3	27,27	3	25,00	21	42,00
Recados	9	33,33	4	36,36	3	25,00	16	32,00
Não tem	2	7,40	4	36,36	4	33,33	10	20,00
Celular pessoal	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Orelhão comunitário	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Bairro								
Parque Bitaru	11	40,74	4	36,36	3	25,00	18	36,00
Vila Margarida	4	14,81	4	36,36	3	25,00	11	22,00
Catiapoã	2	7,40	0	—	4	33,33	6	12,00
Jardim Rio Branco	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Sá Catarina de Morais	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
Jóquei Clube	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Centro	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Jardim Guassú	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Jardim Paraíso	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Vila Matteo Bei	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Pompeba	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Vila Fátima	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Samaritá	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Vila Cascatinha	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00

Do total de meninas, 80% têm acesso a telefone, ainda que seja para recados. Isso reflete a popularização da telefonia como meio de comunicação, a partir da redução, nos últimos anos, do custo inicial de aquisição da linha. No entanto, é comum ouvirmos comentários sobre a dificuldade de pagamento das contas mensais, entre as que contam com telefone residencial, resultando na impossibilidade de usá-lo devidamente. Muitas vezes estão com a linha cortada por falta de pagamento, outras vezes proibidas de fazer ligações para não onerar o escasso orçamento familiar.

Quanto aos bairros onde vivem as meninas atendidas, são todos populares, de São Vicente. Entre os três que apresentam maior concentração populacional, o Parque Bitaru é o mais próximo do Camará, o que facilita a frequência ao projeto. O bairro é formado, principalmente,

por casas populares de poucos cômodos, muitas delas dividindo áreas comuns, contando com infraestrutura básica de saneamento e algumas ruas asfaltadas. Em situação ainda mais precária encontram-se os outros dois: Vila Margarida concentra a maior favela da região, uma das mais antigas do país, onde o índice de violência associada ao tráfico de drogas é comparado ao do Rio de Janeiro. Ali, bem como em parte do Catiapoã e também no Sá Catarina de Morais, as casas são, em sua maioria, barracos de madeira com um ou dois cômodos, banheiro coletivo, sem saneamento básico, em vielas ou becos, ou palafitas sobre o mangue em condições muito precárias. De maneira geral, as condições de moradia de nossas meninas são muito ruins. Pouquíssimos são os casos em que a moradia apresenta condições de um habitat digno, com privacidade.

Tabela 3 documentos e renda

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Documentos								
Certidão de Nascimento	16	59,26	6	54,55	6	50,00	28	56,00
RG	12	44,44	5	45,45	6	50,00	23	46,00
Carteira da Trabalho	7	25,93	2	18,18	4	33,33	13	26,00
RG Escolar	6	22,22	3	27,27	2	16,67	11	22,00
Título Eleitor	7	25,93	1	9,09	1	8,33	9	18,00
CPF	2	7,40	1	9,09	1	8,33	4	8,00
Não tem	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Renda Familiar								
até 1 salário mínimo	3	11,11	3	27,27	1	8,33	7	14,00
de 1 a 2 salários	7	25,93	2	18,18	3	25,00	12	24,00
de 3 a 5 salários	13	29,63	1	9,09	3	25,00	17	34,00
mais de 5 salários	2	7,40	1	9,09	2	16,67	5	10,00
Sem rendimento	2	7,40	1	9,09	1	8,33	4	8,00
Não sabe precisar	0	—	3	27,27	2	16,67	5	10,00
Renda da adolescente								
até 1 salário mínimo	2	7,40	2	18,18	1	8,33	5	10,00
de 1 a 2 salários	0	—	1	9,09	1	8,33	2	4,00
de 3 a 5 salários	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
mais de 5 salários	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Sem rendimento	24	88,89	8	72,73	6	50,00	38	76,00
Não sabe precisar	0	—	0	—	2	16,67	2	4,00

A única menina que disse não ter documentos referia-se a ter perdido a Certidão de Nascimento, mas estava sendo providenciada segunda-via. Vale notar que o Título de Eleitor é um documento que aparece junto à categoria Risco (R) em proporção muito superior às outras, denotando, talvez, o quanto uma organização familiar menos fragilizada garante à menina providências em relação a tirar documentos que nessa idade nem são ainda obrigatórios. Em relação à categoria ES, podemos perceber que a referência à escola é a menos presente (RG escolar), enquanto a preocupação com a renda e trabalho é a maior (Carteira de Trabalho).

A maioria de nossos sujeitos (58%) indicou renda mensal familiar entre 1 e 5 salários mínimos. Notemos que, proporcionalmente, a categoria ER apresenta menor renda que R, o que parece confirmar uma relação direta entre esses fatores: maior o empobrecimento, maior o risco social de crianças e adolescentes.

Como nosso objetivo aqui foi caracterizar a condição econômica atual da menina, no levantamento da renda familiar considerou-se o grupo junto ao qual ela está vivendo atualmente. Na categoria R todas referem-se à família originária. Em ER também: ainda que alternem períodos fora do convívio familiar, no tocante à renda mensal a família permanece como referência. Meninas em ES apresentam posições distintas: ora referem-se também à família originária, quando ainda convivem com ela, ora ao rendimento mensal aproximado do grupo de amigos(as) com quem moram. Analisando cada entrevista, comparando renda familiar com renda da adolescente, podemos observar que o rendimento per capita é maior para a menina quando ela se encontra na condição de exploração sexual. Inclusive, este fato geralmente é apresentado como a principal justificativa da troca de favores sexuais por dinheiro: o crescimento do poder aquisitivo.

Na categoria R três meninas indicaram renda própria: uma refere-se à atividade de garçoneite aos fins de semana e outra de babá () tabela 5), ambas recebendo menos de um salário mínimo ao mês. A terceira recebe R\$ 460,00 de pensão mensal – devido ao falecimento dos pais – vive com companheiro desempregado e três filhos. As jovens em ER que indicaram renda própria são todas pensionistas, sendo que uma divide a mesma pensão de um salário mínimo com os irmãos.

Em relação à ES, apenas quatro jovens indicaram valores, ainda que aproximados, de rendimento mensal oriundos da exploração sexual. Outras duas não souberam quantificar, apesar de

uma delas observar que “quando o movimento tá muito bom dá pra tirar R\$ 200,00 numa noite”, complementando que cobra R\$ 40,00 ou R\$ 50,00 por programa. Essas duas jovens estavam, no momento, convivendo com aquela que indicou rendimento por volta de cinco salários mínimos por mês. Isso aponta para o fato de que elas atingem um rendimento que não seria possível obter em outra ocupação dentro das reais possibilidades que a sociedade apresenta a jovens sem qualificação profissional. No entanto, é curioso observar como a perspectiva de ganho num patamar superior ao de suas famílias não garante melhoras significativas em relação à qualidade de suas vidas. Permanecem em péssimas condições de moradia, com a saúde fragilizada, sempre sem dinheiro e sem perspectivas.

Gastam com alugueis, vestuário e alimentação, muitas vezes com drogas e com ajuda a companheiros. A prioridade, quanto aos gastos pessoais, é com a aparência: roupas da moda, especialmente as que deixam o corpo à mostra, e muito creme para o cabelo. A alimentação não é prioridade, muitas vezes acabam “se descolando”, ganhando alimentos de pessoas ou instituições, ou preparando pratos rápidos, que não dão trabalho, como macarrão ou sanduíche. Não há planejamento de gastos porque não há, também, de ganhos. Existe um procedimento comum, entre elas, de fazer programas quando há uma necessidade premente de dinheiro para algo específico; não há uma rotina estabelecida, apesar da clientela ser maior aos finais de semana.

Outro fator que impede maior definição do rendimento mensal é o fato de coletivizarem os ganhos quando vivem em grupos de amigos(as), o que é bastante comum entre essas jovens (tabela 6). Apesar de ser grande a flutuação nesses grupos, o que predomina enquanto estão juntos é uma relação de cumplicidade. A grupalização atende à necessidade de sobrevivência, já que dessa maneira compartilham ganhos e dividem gastos. A solidariedade que parece prevalecer nesses grupos é circunstancial, na medida em que busca satisfazer, prioritariamente, a interesses pessoais. Tais interesses, traduzidos em necessidades básicas e imediatas, induzem a um comportamento antes funcionalista do que fundado na ética do respeito e consideração ao outro, porque o exercício genuíno da alteridade fica comprometido num patamar de necessidades pessoais extremas. Quando uma criança ou adolescente não tem garantida a proteção de sua individualidade, prevalece a competição da luta pela sobrevivência, em um padrão primário e instintivo, que dificulta o desen-

volvimento de atitudes fundadas na ética da solidariedade. Agrupam-se e vivem amigavelmente por algum tempo, até que uma situação qualquer desencadeie sentimentos de traição e inimizade, provocando a ruptura de alguma(s) jovem(s) com o grupo, que então junta(m)-se a outro grupo, e assim sucessivamente.

Quanto ao fato de 50% de ES atribuírem-se “sem rendimento” refere-se, principalmente, a dois fatores: primeiramente, à concepção de que rendimento mensal deve referir-se a salário, em emprego regular, que não é o caso desse grupo. Em segundo lugar, ao constrangimento, já observado em outras situações, em abordar o tema da remuneração oriunda da exploração sexual. Em

nosso caso específico, à época da entrevista as seis meninas não assumiam diretamente suas práticas. Sabíamos que faziam programas sexuais principalmente pelas evidências situacionais, e menos por meio de suas próprias falas.

A mesma condição “sem rendimento” apresenta diferentes significados em função da categoria de análise. Para R refere-se à condição de estudante, já que mais de 80% ainda estudam e não trabalham (tabela 8). Para ER, no qual a evasão escolar atinge a maioria, o fato de muitas vezes romperem com a família, significando total penúria material, é justamente o que caracteriza a situação de extremo risco e vulnerabilidade à exploração sexual.

Tabela 4 atividades de trabalho do pai e da mãe

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Atividade principal do pai								
Mercado informal	6	22,22	3	27,27	2	16,67	11	22,00
Aposentado	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
Funcionário público	0	—	1	9,09	1	8,37	2	4,00
Caminhoneiro	0	—	0	—	1	8,37	1	2,00
Cabeleireiro	0	—	0	—	1	8,37	1	2,00
Marceneiro	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Padeiro	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Dono de bicicletaria	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Desempregado	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Não sabe	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Não respondeu	13	48,15	4	36,36	7	58,33	24	48,00
Atividade principal da mãe								
Doméstica	6	22,22	2	18,18	1	8,33	9	18,00
Dona de casa	4	14,81	4	36,36	1	8,33	9	18,00
Faxineira	3	11,11	2	27,27	3	25,00	8	16,00
Mercado informal	5	18,52	1	9,09	1	8,33	7	14,00
Funcionária pública	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Afastada pelo INSS	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Aposentada	0	—	0	—	2	16,67	2	4,00
Desempregada	2	7,40	0	—	1	8,33	3	6,00
Não respondeu	4	14,81	1	9,09	2	16,67	7	14,00

Dada a grande variedade de respostas, elas foram agrupadas em categorias mais abrangentes, para que obtivéssemos uma visão geral das atividades de trabalho desenvolvidas pelos pais das jovens. O alto índice de ausência de respostas quanto à atividade do pai reflete um importante aspecto da realidade familiar nesse grupo social: a fragilidade da presença masculina. Essa omissão nas respostas corresponde quase integralmente à situação de pais falecidos ou des-

conhecidos (tabela 6). No tocante às mães, as respostas ausentes referem-se também a algumas falecidas; no entanto, por essa mesma razão, três meninas, uma de cada categoria, indicaram a atividade do parente que é seu responsável legal.

Ao considerarmos os índices de desemprego atuais, percebemos que o indicado pelas meninas está muito aquém do panorama nacional: 6% contra cerca de 20% em nível nacional, se-

gundo dados divulgados sistematicamente pela imprensa. Em relação ao pai, se observarmos a expressiva indicação de atividades do mercado informal, podemos inferir que elas tenham atribuído “desempregado” àquele que no momento encontra-se sem rendimento algum. Há pais que, desempregados, passaram a *fazer bicos* no mercado informal, e por isso não foram considerados naquela categoria. Incluímos em “mercado informal” as seguintes referências: “sem atividade regular”, “autônomo” significando sem profissão definida, “entregador de pizza”, “pedreiro”, “mecânico soldador”, “vendedor” sendo ambulante, “jardineiro”, “faz jogo do bicho”, “autônomo” significando *ladrão profissional* (esta informação não foi obtida durante a entrevista, mas no processo de atendimento da menina).

Em relação às atividades da mãe, penso ser

válida a mesma reflexão sobre os índices de desemprego. No entanto, o que predomina em nossa cultura ainda é o trabalho doméstico, prioritariamente dedicado às mulheres. Nessa categoria referimo-nos a trabalho doméstico mensalista, incluindo “babá”. Em “dona de casa” inclui-se “pensionista e dona de casa” para três R e uma ER. “Faxineira” é aquela que trabalha por dia. No “mercado informal” incluímos “vendedora ambulante”, “manicure”, “cobradora de lotação”, “alisa cabelo a chapinha”.

Os pais funcionários públicos ocupam funções com baixos salários: “motorista da Sabesp”, “gari na prefeitura de Praia Grande”, duas mães “gari na prefeitura” de São Vicente e uma “merendeira de escola estadual”. As duas mães afastadas pelo INSS apresentam “doença respiratória crônica” (R) e “portadora de HIV” (ES).

Tabela 5 atividade principal da adolescente

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Atividade principal da adolescente								
Estudante	20	74,07	5	45,45	2	16,67	27	54,00
Programa Sexual	0	—	0	—	6	50,00	6	12,00
Dona de casa	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Garçonete aos fins de semana	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Babá	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Nenhuma (não estuda nem trabalha)	3	11,11	6	54,55	4	33,33	13	26,00

Devemos esclarecer que “nenhuma atividade” refere-se aos casos em que a menina está fora da escola e não confirma nenhuma fonte de renda. Na categoria R significativa maioria ainda permanece na escola, diferentemente de ER, na qual a evasão escolar propicia um ritmo de vida geralmente sem rotina, permeado por vários tipos de violência, incluindo o uso abusivo de drogas. Neste grupo, entre as cinco meninas que se dizem “estudantes”, uma já passava de 200 faltas, outra estava para ser expulsa da escola, outra “bolava” muitas aulas para fumar maconha. Na verdade, tal identidade de estudante estaria ligada mais ao fato de estarem ainda matriculadas na escola, e menos pelo aproveitamento; o curso dos acontecimentos nos induz a pensar que, se não houver alguma intervenção eficiente, essas também evadirão. Portanto, não desenvolver nenhuma atividade que alimente projetos futuros é uma característica importante de me-

نینas em Extremo Risco, exatamente a condição propiciadora de vulnerabilidade ao uso de drogas, atos infracionais e exploração sexual.

Na categoria ES, a evasão escolar é ainda mais significativa. Uma das duas meninas que aqui se diz estudante fala que vai à escola obrigada, sem vontade, o que nos leva a supor que em pouco tempo também evadirá. Das seis cuja atividade principal é o programa sexual, três o explicitaram; as outras três não responderam, mas inferimos a partir dos dados indicados por elas em relação à renda mensal obtida através dessa atividade (tabela 3). Entre as outras seis jovens que se consideraram sem rendimento, duas se identificaram como estudante, e as demais como não tendo nenhuma atividade principal. Dessas últimas, uma disse “*sei lá, não tem nada principal na minha vida*”, denotando, na verdade, um vazio existencial muito maior que a mera falta de trabalho.

Tabela 6 configuração familiar

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Mãe								
Conhecida	27	100,00	11	100	12	100,00	50	100,00
Falecida	6	22,22	2	18,18	3	25,00	11	22,00
Viva	21	77,78	9	81,82	9	75,00	39	78,00
Pai								
Conhecido	25	92,59	11	100	8	66,67	44	88,00
Conhece o nome mas nunca conviveu	1	3,70	0	—	3	25,00	4	8,00
Não conhecido	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Falecido	9	33,33	2	18,18	4	33,33	15	30,00
Vivo	16	59,26	9	81,82	7	58,33	32	64,00
Filhos								
Nenhum	19	70,37	9	81,82	7	58,33	35	70,00
1 filho	5	18,52	2	18,18	4	33,33	11	22,00
2 filhos	2	7,40	0	—	1	8,33	4	6,00
3 filhos	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Grávida do primeiro filho	4	14,81	1	9,09	2	16,67	7	14,00
Grávida do segundo filho	2	7,40	0	—	1	8,33	3	6,00
Mora com os filhos	4 (T=4)	100,00	1 (T=1)	100	1 (T=3)	33,33	6 (T=8)	75,00
Não mora com os filhos	0	—	0	—	2	66,67	2	25,00
Com quem vive								
Mãe (e irmãos) sem companheiro	11	40,74	3	27,27	1	8,33	15	30,00
Mãe e pai	6	22,22	2	18,18	1	8,33	9	18,00
Amigos	0	—	2	18,18	6	50,00	8	16,00
Companheiro	3	11,11	0	—	1	8,33	4	8,00
Mãe e padrasto	4	14,81	0	—	0	—	4	8,00
Avô/avó	1	3,70	2	18,18	0	—	3	6,00
Irmãos (apenas)	1	3,70	1	9,09	1	8,33	3	6,00
Tia / tio	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Pai e madrasta	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Abrigo	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00

O índice de pais falecidos ou desconhecidos é quase o dobro se comparado ao das mães (42% e 22%), revelando uma configuração familiar na qual a figura do pai é bem menos presente que a da mãe. Destaquemos o número alto de meninas em ES que, do pai, apenas conhecem o nome mas nunca conviveram (25%). Reafirmando esse desequilíbrio entre a presença da figura materna e da paterna, observemos que, do total de meninas, 56% convivem com a mãe, enquanto que apenas 20% com o pai, ainda que a convivência com a família originária vá sofrendo decréscimo conforme se passa da categoria R para ER e ES. Junto às meninas em situação de risco, prevalece a família chefiada pela mãe,

sem companheiro.

É importante notar que não há meninas vivendo com “mãe e padrasto” nas categorias ER e ES, levando-nos a relacionar o fato a vários depoimentos nos quais as meninas apontam a má relação com o padrasto como um importante motivo para sair de casa. Ao contrário, enquanto R não apresenta nenhuma menina morando com amigos, esta situação aparece em ER e predomina em ES (50%). Como já comentamos, “morar com amigos” aparece como uma alternativa de sobrevivência após a ruptura com a família originária, dado o padrão de ajuda mútua que prevalece entre os componentes desses agrupamentos.

A única ocorrência de jovem vivendo com “pai e madrasta” (ES) refere-se a um curto período da vida dessa menina, por ocasião do final de sua gravidez, enquanto ela se reorganizava para viver novamente com amigas, logo após o nascimento do bebê. Na verdade, esse pai apenas cedeu a uma necessidade extrema da filha, já que a mãe e outros irmãos haviam mudado de cidade, não significando uma proteção efetiva à sua condição de vida. Estava acordado que se tratava de um apoio de curta duração.

O abrigo de uma jovem em ER há vários meses é resultado de ações de acompanhamento do Camará junto a essa menina, devido aos maus tratos dos quais era vítima no seio de sua família. Ela teve partes do corpo fraturadas, além de ser alvo constante de ameaças e expulsões por parte da mãe e irmãos. Estava, de fato, vivendo nas ruas, e a família impermeável a reconsiderar suas atitudes. Foi necessária a intervenção do Conselho Tutelar e da Vara da Infância e Juventude para que seu direito à proteção integral fosse restaurado.

Quanto ao número de filhos apresentados pelas jovens, chama atenção o alto índice de gravidez entre 20% das entrevistadas. Devemos esclarecer aqui que a gravidez foi considerada isoladamente e também incluída no número de filhos, conferindo um total de 30% de jovens mães entre nossos sujeitos. Proporcionalmente, meni-

nas em ES apresentam número maior de filhos, sendo que dois terços delas não vivem com eles. Lembramos que os casos de gravidez não foram considerados no cálculo desta porcentagem, apenas as crianças já nascidas. A condição de vida de uma jovem em situação de exploração sexual é especialmente difícil na criação de seus filhos. Como realiza atividades noturnas, é um problema ter com quem deixar a criança durante a noite, e ainda enquanto dorme, durante o dia. Por essa razão, sabemos que algumas terminam entregando os filhos para que outra pessoa cuide deles, por vezes a própria mãe, de maneira mais definitiva.

A partir de nossa experiência podemos dizer que uma situação bastante comum entre jovens mães em situação de vulnerabilidade social é a alternância entre períodos com os filhos e períodos sem eles. Há momentos em que ficam com avós, tias, amigas ou vizinhas, por dias ou semanas. Depois, novamente são levados pelas suas mães, após solucionado o impedimento anterior. Este pode referir-se a dificuldade de moradia, condições financeiras em geral, ritmo de vida num determinado período, viagens ou novo relacionamento. Portanto, estar morando ou não com os filhos muitas vezes é circunstancial, traduzindo-se em relações familiares permeadas por rupturas, que fragilizam o lugar de autoridade das figuras parentais. A jovem mãe termina por repetir com os filhos, em muitos casos, sua própria

Tabela 7 situação de moradia

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Quantas pessoas residem na casa								
2 pessoas	3	11,11	1	9,09	0	—	4	8,00
3 pessoas	3	11,11	1	9,09	5	41,67	9	18,00
4 pessoas	2	7,40	1	9,09	2	16,67	5	10,00
5 pessoas	4	14,81	2	18,18	1	8,33	7	14,00
6 pessoas	6	22,22	2	18,18	2	16,67	10	20,00
7 pessoas	2	7,40	0	—	1	8,33	3	6,00
8 pessoas	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
9 pessoas	1	3,70	2	18,18	0	—	3	6,00
11 pessoas	3	11,11	0	—	1	8,33	4	8,00
12 pessoas	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
MÉDIA	6,04	—	6,27	—	4	—	5,8	—
Situação da moradia								
Casa própria	22	81,48	7	63,64	7	58,33	36	72,00
Casa / quarto alugado	4	14,81	1	9,09	2	16,67	7	14,00
Casa de amigos/ parentes	1	3,70	1	9,09	3	25	5	10,00
Abrigo	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Não respondeu	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00

história de abandono e desproteção.

É significativa a diferença no número de pessoas que moram na mesma casa, se compararmos a média total de quase 6 pessoas por moradia, com a média para ES, que não ultrapassa 4 pessoas. Creio que devemos considerar o número de pessoas por moradia como um indicador de maior ou menor privacidade, do grau de individualização dos espaços e de qualidade de vida. A constatação de que meninas em ES vivem, em média, em espaços menos apertados que suas famílias, inicialmente nos leva a pensar que a condição de exploração sexual lhes propicie melhores condições de moradia. No entanto, viver em um cômodo apenas, com uma ou duas camas, tendo que dividir cada centímetro do espaço com as outras pessoas, ainda que sejam “apenas” três ou quatro, não garante privacidade alguma, tampouco individualização do espaço ou qualidade de vida. Na verdade, os pequenos ganhos materiais que elas conquistam ao sair de casa e morar com amigos não provocam mudanças significativas em seu padrão de vida, que segue pautado pela pobreza e pelas limitações que dela advêm.

Consideremos, ainda, que um núcleo familiar compartilha uma certa história e agrega-se em

torno de algumas características e interesses comuns, o que subjetivamente pode resultar numa percepção de “se ocupar menos espaço” em se tratando de uma convivência íntima em pequenas moradias. Entretanto, morar com pessoas de fora do círculo familiar, com diferentes histórias, demandas e expectativas, pode significar, no campo da percepção subjetiva, que o mesmo espaço físico torne-se ainda mais apertado.

A grande maioria de nossos sujeitos refere viver em “casa própria”. O que poderia soar paradoxal, já que estamos falando de uma parcela empobrecida da população, torna-se coerente ao compreendermos a que se referem. Consideram casa própria a moradia onde não se exige pagamento de aluguel, não significando, necessariamente, posse legalizada. Nesse contexto inclui-se principalmente as invasões de imóveis desocupados e os barracos em favelas. Estes últimos são comercializados a valores mensais equivalentes ao de um aluguel, com a garantia verbal de que terminado o prazo estipulado a moradia pertence àquele novo morador. Assim, a maioria dessas pessoas está sempre morando em “casa própria”, mesmo que se trate de imóvel alheio ou que ainda estejam pagando suas “prestações”.

CAPÍTULO II

relação com a escola

Abordaremos, a seguir, dados obtidos em relação à frequência e evasão escolar, incluindo os

motivos apresentados para o abandono da escola e a visão das jovens sobre essa instituição.

Tabela 8 situação escolar

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Estuda?								
SIM	22	81,48	5	45,45	4	33,33	31	62,00
Em escola pública	22	100,00	5	100,00	4	100,00	31	100,00
Em escola particular	0	—	0	—	0	—	0	—
Ensino fundamental (1ª a 4ª)	0	—	0	—	1	25,00	1	3,23
Ensino fundamental (5ª a 8ª)	10	45,45	5	100,00	3	75,00	18	58,06
Ensino médio	12	54,55	0	—	0	—	12	38,71
Estuda?								
NÃO	5	18,52	6	54,55	8	66,67	19	38,00
Parou no Ensino fundamental (1ª a 4ª)	1	20,00	0	—	2	25,00	3	15,79
Parou no Ensino fundamental (5ª a 8ª)	4	80,00	6	100,00	6	75,00	16	84,21

A evasão escolar é um importante indicador do grau de risco pessoal e social a que a criança ou adolescente está submetido. Assim sendo, já era esperada a relação apresentada pela tabela: conforme se agrava a condição de risco na vida da menina, a evasão escolar torna-se mais expressiva. Nas categorias ER e ES a maioria das jovens está fora da escola, sendo que em ES são quase 70% nessa situação.

Do total de jovens que estudam (62%), todas o fazem em escola pública. Assim sendo, sempre que neste estudo nos referirmos à instituição escolar, estaremos falando da escola pública brasileira. Isso significa considerar suas características peculiares e seus atuais desafios como pano de fundo para a análise sobre a relação que nossas crianças e adolescentes estabelecem com ela.

Considerando que mais de um terço de nossas meninas tem acima de 16 anos, e ainda que em ES a média de idade é ligeiramente superior à R, verificamos que o nível de escolaridade nessas categorias apresenta diferenças importantes. Apenas na categoria R há meninas cursando o Ensino Médio, enquanto que em ES há uma menina ainda entre a 1ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Isso reforça nossa idéia inicial de que o grau da situação de risco expressa-se, entre ou-

tros fatores, pela forma de relação que esta criança ou adolescente mantém com a escola.

Entre as que estão fora dessa instituição, a expressiva maioria interrompeu os estudos entre a 5ª e 8ª séries. Devemos levar em conta que a passagem da primeira para a segunda etapa do Ensino Fundamental implica em maiores dificuldades para o aluno, pelo aumento do número de disciplinas e de professores, bem como pela complexidade crescente dos conteúdos apresentados. No entanto, para tentar compreender aquele fato, devemos considerar pelo menos mais dois fatores. Em primeiro lugar, a política de progressão continuada, há anos em vigor, contribui para a permanência das crianças na escola, durante o ciclo básico das quatro séries iniciais. Sendo exatamente esse o objetivo de tal política, a não-repetência seria um fator estimulante à frequência das crianças na escola. Muitas vezes, no entanto, essa criança chega à quinta série sem ter obtido um rendimento satisfatório nos anos anteriores, experimentando grandes dificuldades nessa nova fase, podendo resultar em desestímulo e motivo para evasão.

O segundo fator refere-se à crescente dificuldade de pais ou responsáveis em ocupar um lugar de autoridade e controle, conforme os fi-

lhos vão crescendo e se tornando adolescentes. Estes, quando se desinteressam pela escola, agem de forma mais independente, deixando de comparecer às aulas, ainda que à revelia de seus

responsáveis. Essa fase coincide com a segunda etapa do Ensino Fundamental, exatamente quando se verifica o maior índice de evasão escolar entre nossos sujeitos.

Tabela 9 motivos da evasão escolar

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Por que parou a escola?			(T=6)		(T=8)		(T=19)	
Desinteresse	1	20	2	33,33	3	37,50	6	31,58
Queria só diversão	1	20	0	—	1	12,50	2	10,53
Saiu de casa	1	20	1	16,67	0	—	2	10,53
Problemas familiares	1	20	0	—	1	12,50	2	10,53
Gravidez	1	20	0	—	1	12,50	2	10,53
Problemas burocráticos	0	—	2	33,33	0	—	2	10,53
Brigava com professores	0	—	1	16,67	0	—	1	5,26
Fugiu da Febem	0	—	0	—	1	12,50	1	5,26
“Falta de dinheiro”	0	—	0	—	1	12,50	1	5,26

Os motivos apresentados pelas meninas como justificativa para terem abandonado a escola são diversos. O que prevalece, no entanto, é o desinteresse pelos conteúdos escolares, que nos parece ser resultado de uma política educacional apartada dos reais interesses desse grupo social, que não valoriza, nem ao menos leva em conta, as manifestações culturais dos jovens de baixa renda. Nas palavras de uma jovem ER:

“Parei de estudar porque eu quis. Eu não tava agüentando a professora. Não tinha paciência de ficar na classe. Não tinha paciência de ficar com a professora falando no meu ouvido, não agüentava mais ouvir ela ensinando, assistir aula. As aulas são boas, mas não tenho mais paciência de ouvir as professoras. Sei que mais tarde vai fazer falta, mas não quero voltar a estudar tão cedo, não.”

A cena por ela descrita nos remete ao tamanho do esforço que seria necessário para que essa menina se mantivesse ali. Não ter mais “paciência” com a situação – seja com a aula e seus conteúdos, seja com a professora – parece revelar o incômodo distanciamento entre universos que não se relacionam, a falta de sentido daquela situação para sua vida imediata. A escola ad-

quire algum significado quando pensada em sua função social, como preparação de um futuro (“*As aulas são boas [...] sei que mais tarde vai fazer falta*”), mas numa situação de extremo risco, de fato é muito difícil ter essa “paciência”. As necessidades básicas por satisfazer e o imediatismo decorrente dessa condição vão de encontro à mensagem implícita nesse longo fazer institucional, o que provoca um aparente choque de interesses e conseqüente evasão escolar, especialmente porque essa jovem só consegue atribuir o fracasso escolar à sua suposta incompetência pessoal.

Outros cinco motivos aparecem em segundo lugar, com a mesma freqüência, os quais passamos a comentar. “Queria só diversão” implica também em desinteresse quanto aos conteúdos escolares, mas enfatiza o estar em grupo, entre iguais, visando à diversão imediata e descompromissada. Inclui “*para andar com as colegas*” (ES). Revela um padrão de conduta no qual a disciplina exigida pela escola já não encontra eco, e as faltas constantes resultam em reprovação automática e evasão.

“Sair de casa” foi diferenciado de “problemas familiares” porque estes últimos não se referem a dificuldades de relacionamento interpessoal, mas à necessidade da jovem se dedicar ao cuidado de algum familiar (“doença da mãe”) ou à desorganização de seu cotidiano em função da

história familiar (“ficou com moradia indefinida, entre casas diferentes”).

A “gravidez” se apresenta, aqui, como fator desestabilizante na vida da menina. Entre outras coisas motiva o abandono da escola, a princípio temporário, mas geralmente por longo período ou mesmo definitivamente, pela demanda de ações para garantia de sobrevivência desse filho.

Chama nossa atenção “problemas burocráticos” serem apontados como motivo de evasão escolar. As respostas referem-se a “mudou de cidade e ficou sem o histórico” e “deu rolo na escola com documentação”. Acreditamos que, na verdade, seja um conjunto de fatores, entre eles o desinteresse da jovem e a desorganização quanto aos papéis familiares, que aliados à vocação burocrática de nossas instituições públicas em geral, dificultem a permanência dessas jovens na escola.

Outro importante fator de contexto que não aparece nas entrevistas, mas ouvimos em nosso cotidiano de convivência com essas jovens, se refere ao medo que experimentam pelas ameaças que sofrem direta ou indiretamente, feitas

por colegas da própria escola, em relação às quais os professores quase nada conseguem fazer para coibir. A descrença na autoridade desse professor, aliada ao medo e a outros tantos fatores, provoca sentimentos bastante contraditórios em relação à escola, muitas vezes estimulando a evasão.

Buscando uma leitura mais abrangente das questões aqui apontadas, podemos concluir que apesar de as meninas apontarem um ou outro motivo principal para estarem fora da escola, trata-se de um fenômeno multideterminado, que atinge um grande número de jovens, e que precisa ser enfrentado sem disfarces. Trata-se de atribuir responsabilidades aos diversos atores sociais envolvidos, mas especialmente à escola, que precisa se tornar atraente a esses jovens, de maneira a cumprir seu papel de formadora de pensadores e cidadãos. Despertar o interesse desses jovens passa, necessariamente, pela reformulação de métodos e estratégias, que incluam a expressão de culturas juvenis e levem em conta as necessidades desse jovem no mundo contemporâneo, tão complexo, contraditório e pluricultural.

Tabela 10 **visão sobre a escola**

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Como vê a escola?								
Importante para o futuro	4	14,81	4	36,36	1	8,33	9	18,00
Um lugar de aprendizado	3	11,11	1	9,09	2	16,67	6	12,00
Muitíssimo importante	4	14,81	0	—	1	8,33	5	10,00
Boa / ensinam bem	6	22,22	0	—	0	—	6	12,00
Um lugar bom para ter amigos	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Um lugar de respeitar a todos	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Subtotal (Fatores positivos)	19	70,37	6	54,55	4	33,33	29	58,00
Não gosta	2	7,40	1	9,09	4	33,33	7	14,00
Não significa nada	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Estranha	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Não sabe explicar	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Subtotal (Fatores negativos)	5	18,52	1	9,09	5	41,67	12	24,00
Não respondeu	3	11,11	3	27,27	3	25,00	9	18,00

Esta tabela nos aponta como as jovens enxergam a escola, cujas respostas foram agrupadas em aspectos positivos ou negativos. É preciso esclarecer que as nove meninas que não responderam essa questão estão fora da escola, o que nos autoriza a incluí-las, para uma visão mais geral dos dados, no cômputo das que representam a escola de forma mais negativa. Sendo assim, podemos considerar que 42% das jovens entrevistadas priorizam aspectos negativos em sua visão sobre a escola. Como este número é superior ao total de meninas que não estudam, podemos concluir que há jovens estudantes que também ressaltam tais fatores.

Os aspectos positivos, apontados pela maioria, expressam principalmente a representação da escola como lugar de preparação para um futuro melhor, por meio do aprendizado de conteúdos essenciais. Confirmam essa análise respostas como “*necessária, importante para ser alguém na vida*”; “*sem escola a gente não é nada*”; “*é uma forma de poder arrumar um trabalho melhor*”; “*aprende a escrever e a ler*”; “*caminho para chegar à faculdade*”. Uma das meninas, ao reforçar esse mesmo caráter, aponta também o descaso da instituição com relação ao aproveitamento do aluno: “*é um lugar de aprendizado, mas é cada um por si, se não quiser estudar não precisa*”. A única menina ES que atribuiu () grande importância à escola, disse que significava “*agora, no momento, tudo*”. Esta jovem havia retornado aos estudos há pouco tempo, e estava demonstrando, com sua declaração, o significado desse regresso para si naquele momento: a única possibilidade de poder sonhar com outra condição de vida.

A menina ER que apontou a escola como um bom lugar para ter amigos, assim revelou sua relação com a mesma: “*não gosto de estudar, mas gostava de ir lá pra zoar*”. Ainda que não comparasse ao local com intenção de estudar, sua representação daquela instituição era positiva: usava o espaço para diversão e socialização. No entanto, esse tipo de motivação não sustenta a frequência às atividades escolares, que exigem disciplina e concentração. Como vimos na tabela anterior, tal atitude, focalizada na diversão descompromissada, por não encontrar eco no ambiente institucional torna-se um importante motivo para a evasão escolar.

É importante observar que a valorização do ensino (“*ensinam bem*”) apareceu apenas entre meninas R. Aliás, esta foi a análise predominan-

te nessa categoria de sujeitos. Creio que devemos considerar aqui os fatores de contexto que permitem a essas jovens aproveitar e valorizar o que a escola lhes oferece. Maior apoio familiar e rotina diária melhor estabelecida (em comparação às categorias ER e ES) aproximam essas jovens das exigências próprias do ambiente escolar, o que lhes permite atender melhor os padrões institucionais. Além disso, podemos supor que atribuem à escola um valor positivo a priori, já que são praticamente obrigadas a frequentá-la desde pequenas. Observamos aqui uma contradição, porque elas geralmente apresentam dificuldades em assimilar os conteúdos das matérias, exatamente por não serem ‘bem ensinados’, mas não se apercebem disso. Atribuem o fracasso quase sempre a fatores individuais, absolvendo a instituição de toda culpa nesse sentido. Desde esse ponto de vista, “quem não aprende é porque não quer, já que o professor está lá para ensinar”. Raramente aparecem formulações sobre metodologias de ensino que seriam mais ou menos adequadas, ou críticas sobre o fazer institucional. Apenas reproduzem a alienação produzida na própria escola, depositando sobre si mesmas a responsabilidade sobre o sucesso ou o fracasso nos estudos.

Quanto às que apontam aspectos negativos, a maioria se refere simplesmente a não gostar da escola. Isso inclui respostas como “*é chato*”, “*tem que ir, é obrigada*”, “*sem qualidade*”, “*muito ruim, desinteressante*”, “*não tinha nada que me interessava lá, eu preferia rua*”. Devemos destacar aqui a preponderância de meninas ES que revelam não gostar da escola, nos remetendo ao enorme distanciamento entre tais universos. Lembrando que quase 70% deste grupo está fora da escola, parecem nos dizer que é preciso aproximar a escola de seus interesses, do contrário, como não se sentem obrigadas a isso, não faz sentido algum pensar em frequentá-la.

Uma menina R acha a escola “*um pouco estranha, os meninos fumam droga no banheiro*”. Demonstra desconforto pela ambigüidade presente no fato de a escola ser um lugar para aprendizados positivos e preparação para o futuro, ao mesmo tempo em que seus profissionais — adultos — não conseguem impedir que os jovens façam uso de drogas lá dentro. Parece difícil mesmo, para elas, compreender o papel dessa instituição, já que tamanhas contradições se fazem presentes no cotidiano escolar.

CAPÍTULO III

**relação com o
sistema de
garantia de
direitos**

O presente capítulo trata da relação de nossas adolescentes com importantes atores do Sistema de Garantia de Direitos. Inicialmente, analisamos suas colocações sobre o ECA, para em seguida apresentar o que dizem conhecer sobre o Conselho Tutelar, Juizado e Promotoria da In-

fância e Juventude, a relação com a Polícia e a Febem. A maior parte desses dados demonstra o nível de violência à qual estão expostas, revelando importantes fatores de contexto que colaboram para uma melhor compreensão da subjetividade dessas meninas.

Tabela 11 conhecimento sobre o ECA

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Conhece o ECA?								
SIM	8	29,63	3	27,27	3	25,00	14	28,00
NÃO	15	55,56	6	54,55	7	58,33	28	56,00
Mais ou menos	4	14,81	2	18,18	2	16,67	8	16,00
O que mais chama sua atenção no ECA? (T= 12) (T=5) (T=5) (T=22)								
Dá proteção	4	33,33	0	—	1	20,00	5	22,73
Não é respeitado	1	8,33	0	—	2	40,00	3	13,64
Obriga ir à escola	1	8,33	1	20,00	0	—	2	9,09
Direitos e deveres	1	8,33	1	20,00	0	—	2	9,09
Direito a médicos	1	8,33	0	—	0	—	1	4,55
“Ser livre”	0	—	1	20,00	0	—	1	4,55
“Abuso sexual e trabalho escravo contra adolescentes”	0	—	0	—	1	20,00	1	4,55
É errado	0	—	1	20,00	0	—	1	4,55
Não sabe dizer	3	25,00	2	40,00	0	—	5	22,73
Não respondeu	2	16,67	1	20,00	1	20,00	4	18,18

Passados doze anos após sua promulgação, a maioria de nossas jovens sequer conhecem o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A tabela 11 nos mostra o nível de desconhecimento e de equívocos que permeiam o imaginário de nossas jovens sobre o ECA. As que disseram conhecer e as que responderam ‘mais ou menos’ foram questionadas sobre o que lhes chamaria mais atenção nessa lei. Dessas 22 meninas, 40% não souberam dizer ou não responderam.

Entre as que arriscaram algum comentário prevaleceu a noção de que ‘dá proteção’, incluindo respostas como: “as crianças que não podem ficar na rua, eles não deixam, eles recolhem”; “ajuda pessoas mais necessitadas, da rua”; “ajuda crianças e adolescentes”. São colocações que parecem atribuir ao ECA um status de serviço público, de programa de atendimento voltado à população carente, sem o entendimento de que ele seja um documento regulador de direitos de todas as crianças e adolescentes, independente da condição social.

Uma das meninas ER expressa a noção de que o ECA promove a liberdade das crianças e

adolescentes, reproduzindo uma imagem que segmentos mais conservadores da sociedade atribuem ao Estatuto. Parece estar se referindo a uma suposta condição de “poder fazer o que quiser”, agir sem limites, ancorada pela lei. Sabemos que isso, na realidade, não se aplica. Mas em sua condição de extremo risco, esta fala reflete o sentido subjetivo que atribui ao ECA, na busca de referendar seu próprio comportamento. Nesse mesmo grupo surge uma resposta aparentemente oposta: “é errado, os adolescentes são os que mais aprontam”. Parece que ambas se referem à mesma falsa compreensão de que o Estatuto oferece sustentação à impunidade, mas enquanto uma aprecia a outra condena esta suposta função do ECA.

As meninas ES são as que demonstram maior conhecimento do assunto, apontando em primeiro lugar o fato do Estatuto não ser respeitado: “muitas coisas que é lei, que deveria ser feito, e na prática não é feito”; “continua só no papel”. Citam também o abuso sexual, o trabalho escravo e a proteção, expressando preocupações diretamente relacionadas às suas experiências concretas de vida.

Tabela 12 **relação com o conselho tutelar**

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Já ouviu falar no Conselho Tutelar?								
SIM	26	96,30	11	100,00	12	100,00	49	98,00
Mais ou menos	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Já foi atendida pelo Conselho Tutelar?								
SIM	3	11,11	5	45,45	8	66,67	16	32,00
NÃO	24	88,89	6	54,55	4	33,33	34	68,00
Em que circunstância?								
	(T=3)		(T=5)		(T=8)		(T=16)	
Conflitos familiares	0	—	1	20,00	4	50,00	5	31,25
Por fugir de casa	2	66,67	1	20,00	1	12,50	4	25,00
Por faltar à escola	1	33,33	2	40,00	0	—	3	18,75
Por uso de drogas	0	—	1	20,00	1	12,50	2	12,50
Por ter agredido	0	—	0	—	1	12,50	1	6,25
Para tirar documentos	0	—	0	—	1	12,50	1	6,25
Denunciou a mãe	0	—	0	—	1	12,50	1	6,25
Como foi o Atendimento?								
	(T=3)		(T=5)		(T=8)		(T=16)	
Bom / respeitoso	2	66,67	1	20,00	8	100,00	11	68,75
“Não adiantava”	0	—	2	40,00	1	12,20	3	18,75
“Não gostou”	0	—	1	20,00	0	—	1	6,25
Não lembra	0	—	1	20,00	0	—	1	6,25
Não respondeu	1	33,33	1	20,00	0	—	2	12,50

Podemos considerar que todos os nossos sujeitos ao menos já ouviram falar do Conselho Tutelar. Quanto a terem sido lá atendidos, a proporção aumenta conforme a situação de risco se agrava.

Considerando apenas as jovens já atendidas, mais da metade atribuiu o motivo desse atendimento a questões familiares, sejam conflitos ou fugas de casa. Algumas respostas: “fui no Conselho Tutelar quando fugi de casa e taquei fogo no quarto” (ER); “nas várias vezes que fugia de casa, minhas doidices” (ER); “fuga de Abrigo” (ES).

Faltar muito à escola surge como principal motivo para meninas ER, em relação às quais sabemos que a maioria já evadiu. Quanto ao uso de drogas, as respostas foram as seguintes: “pai procurou por uso de maconha” (ER); “pêga na rua fumando maconha, zoando” (ES).

Chama a nossa atenção o fato de o Conselho Tutelar ser apresentado aqui, prioritariamente, como o lugar onde adultos levam suas queixas em relação às adolescentes. Ele é visto mais como aquele que exige o cumprimento de deveres, do que aquele que ocupa o lugar de principal guardião dos direitos conquistados a partir do ECA. As jovens, por si mesmas, fazem pouco uso do Conselho Tutelar. Além de procurá-lo para tirar documentos, aparece uma única referência

de denúncia apresentada pela própria menina: “ela e a irmã denunciaram a mãe porque apanhavam com cano de chuveiro”.

Em relação à qualidade do atendimento, quase 70% diz que foi bom e respeitoso, incluindo respostas como: “bom, conversaram comigo”; “bem atendida”; “como se fosse presidente”; “a técnica é legal, conversou com minha mãe, muito bom”. A única menina que respondeu não ter gostado do atendimento foi levada até lá por uso de maconha. As que disseram “não funcionar” se referiram a conflitos familiares e vivência de rua: “gostava, mas acho que não funcionava” (ER); “não adiantava nada, eles me catavam na rua num dia, no outro eu já estava na rua” (ES).

Essa expectativa frustrada talvez se deva à falsa idéia de que aos componentes do Conselho caibam a função de resolver os conflitos ou solucionar pessoalmente as situações de extremo risco. A população, quando o procura, está em busca de algum tipo de atendimento direto, é difícil compreender o papel de articulador da rede que o Conselho Tutelar deve desempenhar. É preciso ainda muito trabalho para divulgação e melhor compreensão do verdadeiro significado do ECA e das instâncias aí propostas, seja o Conselho Tutelar ou o Conselho de Direitos da Criança e do

Adolescente. São coletivos criados para defesa e garantia dos direitos instituídos com base na Dou-

trina da Proteção Integral, ainda pouco apropriada pelo conjunto da população.

Tabela 13 conhecimento sobre juizado da infância e juventude

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Já ouviu falar do Juizado da Infância e Juventude?								
SIM	19	70,37	7	63,64	9	75,00	35	70,00
NÃO	8	29,63	3	27,27	3	25,00	14	28,00
Mais ou menos	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Já foi atendida pelo Juiz?								
SIM	3	11,11	3	27,27	3	25,00	9	18,00
NÃO	24	88,89	8	72,73	9	75,00	41	82,00
Em que circunstância?								
	(T=3)		(T=3)		(T=3)		(T=9)	
Tutela	3	100,00	3	100,00	0	—	6	66,67
Ato infracional	0	—	0	—	3	100,00	3	33,33

Tabela 14 conhecimento sobre promotoria da infância e juventude

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Já ouviu falar da Promotoria da Infância e Juventude?								
SIM	4	14,81	2	18,18	4	33,33	1	20,00
NÃO	23	85,19	9	81,82	8	66,67	4	80,00
Já foi atendida pelo(a) Promotor(a)?								
SIM	1	3,70	2	18,18	4	33,33	7	14,00
NÃO	26	96,30	9	81,82	8	66,67	43	86,00
Em que circunstância?								
	(T=1)		(T=2)		(T=4)		(T=7)	
Praticou roubo	0	—	1	50,00	1	25,00	2	28,57
“Em audiência”	1	100,00	0	—	1	25,00	2	28,57
“Brigou com a mãe e teve uma conversa”	0	—	0	—	1	25,00	1	14,29
Praticou assalto	0	—	0	—	1	25,00	1	14,29
“Invadiu a casa da menina e bateu nela”	0	—	1	50,00	0	—	1	14,29

A figura do Juiz da Infância e Juventude é conhecida por significativa maioria de nossos sujeitos, sendo que apenas 18% deles disseram já ter comparecido a alguma audiência. Para R e ER o motivo de tal atendimento esteve sempre ligado à tutela: “morte dos pais” (R); “para a avó ter a sua guarda” (R); “separação dos pais” (ER); “guarda da adolescente” (2 ER). Já para meninas ES o motivo foi o cometimento de atos infracionais: “presa por roubo”; “assalto à mão armada”.

A figura do promotor é menos conhecida. Entre as meninas que disseram conhecer esse

personagem, quase todas participaram de alguma audiência. Excluídos os motivos não especificados, as circunstâncias indicadas apontam atos infracionais, agressão e “briga com a mãe”.

Diferente do juiz, que figura no imaginário social como aquele que assegura a justiça e faz cumprir a lei, o personagem do promotor permanece atrelado ao crime, geralmente quando o “crime”, melhor dizendo o *ato infracional*, é cometido por um adolescente. Acontecendo a violação dos direitos de uma criança ou adolescente, portanto, a ocorrência de um crime *contra*

qualquer um deles, a promotoria é pouco lembrada. O ECA inaugura um novo olhar quando assegura que os direitos das crianças e adolescen-

tes são deveres das gerações adultas. Inaugura também uma nova atribuição aos promotores de justiça, ainda pouco compreendida pela população.

Tabela 15 conhecimento sobre delegacia de polícia

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Já ouviu falar da Delegacia de Polícia?								
SIM	27	100,00	11	100,00	12	100,00	50	100,00
Em que circunstância?								
Ouviu falar	8	29,63	1	9,09	2	16,67	11	22,00
Foi presa	0	—	1	9,09	6	50,00	7	14,00
Irmã(o) foi preso	5	18,52	0	—	1	8,33	6	12,00
Amigos presos	3	11,11	2	18,18	1	8,33	6	12,00
Para visitar pessoas	0	—	2	18,18	2	16,67	4	8,00
Através da TV	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
Companheiro preso	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Briga entre vizinhos	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Briga dos pais	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Envolvimento em brigas	0	—	1	9,09	1	8,33	2	4,00
Testemunha de agressão familiar	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Queixa por tentativa de estupro	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
B.O. não lembra o motivo (aos 8 anos)	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Não respondeu	2	7,40	2	18,18	0	—	4	8,00

Com relação ao conhecimento ou à relação com a polícia, perguntamos primeiramente sobre as circunstâncias em que teriam ouvido falar de uma Delegacia de Polícia, em geral. Em seguida, repetimos o questionamento em relação à Delegacia de Defesa da Mulher, para então perguntarmos sobre as circunstâncias em que teriam comparecido a uma delegacia. Algumas dessas respostas se repetem, mas preferimos apresentá-las tal qual apareceram, de maneira a permitir diferentes leituras, a depender do contexto em que a resposta é apresentada.

A Delegacia de Polícia é conhecida por todas as entrevistadas desta pesquisa. Entre as que disseram apenas “ter ouvido falar” apareceram respostas como “em todo lugar se fala sobre isso”; “a gente ouve muito, lá na rua tem um monte de gente que já foi preso”; “na rua, na escola, todo mundo fala”; “todo mundo conhece”; “quem nunca ouviu falar?”; “falam que tem um quartinho onde as pessoas batem, batem...”

Se entre as meninas R nenhuma esteve presa, esta é a resposta prevalente para ES. Assim responderam: “foi flagrante com maco-

nha”; “fumando maconha na rua”; “roubo, briga, uso de droga, porte de arma”; “a mando da mãe a polícia foi me buscar numa casa, me levaram pra delegacia e recebi um soco do policial” e “fui presa por não pagar a conta na pizzeria” (ER).

Ao contrário, a ocorrência de irmãos, amigos e companheiros presos, a princípio parece preponderar na primeira categoria (R): “quando ia visitar a irmã”; “quando irmão ficou preso por quatro dias”; “irmão já foi preso algumas vezes por roubo e o primo também”; “amigos já passaram por roubo, assalto etc.”; “companheiro foi preso por tráfico de drogas” (2 meninas R). Mas levamos em conta o fato de “visitar pessoas” aparecer para ER e ES, indicando que elas também estariam se referindo a pessoas muito próximas: “visitei vários namorados presos” (ES). Esta situação indicaria, na verdade, que não há predominância de uma ou outra categoria no que se refere à proximidade afetiva com pessoas que já tenham sido privadas de liberdade.

Vale a pena transcrevermos aqui as respostas classificadas como “envolvimento em brigas”,

para que se tenha idéia da gravidade de algumas situações vividas por essas jovens: “já fui esfaqueada e já furei de faca em brigas com meninas na rua”(ER); “uma vez quebrei a casa de uma mulher”(ES).

A tentativa de estupro referida por uma das meninas foi expressa da seguinte maneira: “meu vizinho tentou me estuprar aos 11 anos; contei para minha mãe depois de um ano” e então a mãe formalizou a queixa.

Tabela 16 conhecimento sobre a delegacia da mulher

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Já ouviu falar da Delegacia de Defesa da Mulher?								
SIM	26	96,30	11	100,00	12	100,00	49	98,00
NÃO	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Em que circunstância?								
	(T=26)		(T=11)		(T=12)		(T=49)	
Mãe envolvida	5	19,23	3	27,27	2	16,67	10	20,41
Familiares apanharam de companheiro	5	19,23	2	18,18	0	—	7	14,29
Queixas a favor da adolescente	2	7,69	2	18,18	3	25,00	7	14,29
Ouvir falar	5	19,23	1	9,09	0	—	6	12,24
Brigas entre vizinhos	1	3,85	1	9,09	3	25,00	5	10,20
Queixas contra a adolescente	0	—	1	9,09	1	8,33	2	4,08
Pela TV	2	7,69	0	—	0	—	2	4,08
Irmã presa	1	3,85	0	—	0	—	1	2,04
Amiga presa	1	3,85	0	—	0	—	1	2,04
Irmã deu queixa	0	—	1	9,09	0	—	1	2,04
Acompanhou amiga que foi denunciar espancamento	1	3,85	0	—	0	—	1	2,04
Não lembra	0	—	0	—	2	16,67	2	4,08
Não respondeu	5	19,23	0	—	0	—	5	10,20

Apenas uma menina diz não conhecer a Delegacia de Defesa da Mulher (DDM). As que conhecem citam muitas circunstâncias envolvendo a própria mãe: “minha mãe falou que ia na delegacia pra chamar pro meu pai, pra tirar ele de dentro de casa”; “a minha mãe estava se separando do segundo marido, ele tava drogado, teve que mover processo”; “mãe denunciou o pai por agressão”; “mãe já usou quando o companheiro a agrediu”; “mãe separou do padrasto e ele passou a ameaçá-la, ele bebia e não trabalhava, depois voltaram”; “briga dos pais”; “mãe fez corpo de delito”.

As referências aos familiares e às brigas entre vizinhos, sem exceção, também falam de mulheres apanhando de seus maridos. É impressionante o nível de violência que ainda

vitimiza a mulher em nossa sociedade, tendo como agressor o companheiro. Somando-se essas três ocorrências – mães, familiares e vizinhas vitimizadas – chega-se a quase metade das circunstâncias apontadas pelas meninas na tabela 16.

As queixas a favor da adolescente, apontadas por sete delas, são as seguintes: “tia deu queixa contra vizinha que falava mal e fazia macumba contra a adolescente”(R); “quando a mãe biológica tentou invadir a casa que a adolescente morava com a mãe adotiva”(R); “foi agredida por funcionário de abrigo”(ER); “foi com o pai sobre queixa de assédio”(ER); “queixa contra o tio por maus tratos”(ES); “denunciou a mãe por ter apanhado com um cano de chuveiro”(ES); “apanhou do companheiro”(ES).

Tabela 17 relação com a polícia

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Já esteve em alguma Delegacia?								
SIM	14	51,85	10	90,91	11	91,67	35	70,00
NÃO	13	48,15	1	9,09	1	8,33	15	30,00
Qual?		(T=14)		(T=10)		(T=11)		(T=35)
1º DP S.V.	8	57,14	4	40,00	7	63,64	19	54,29
2º DP S.V.	1	7,14	0	—	1	9,09	2	5,71
3º DP S.V.	1	7,14	1	10,00	0	—	2	5,71
DDM	9	64,29	3	30,00	3	27,27	15	42,86
1º DP Santos	0	—	0	—	2	18,18	2	5,71
2º DP Santos	0	—	0	—	1	9,09	1	2,86
3º DP Santos	0	—	0	—	1	9,09	1	2,86
5º DP Santos	1	7,14	0	—	0	—	1	2,86
“em Santos”	0	—	1	10,00	0	—	1	2,86
DECA	0	—	0	—	1	9,09	1	2,86
Não respondeu	0	—	2	20,00	1	9,09	3	8,57
Em que circunstância?		(T=14)		(T=10)		(T=11)		(T=35)
Irmã (o) presa (o)	7	50,00	1	10,00	2	18,18	10	28,57
Queixas a favor da adolescente	3	21,43	2	20,00	2	18,18	7	20,00
Acompanhando outras pessoas	4	28,57	2	20,00	0	—	6	17,14
Uso de drogas	0	—	0	—	5	45,45	5	14,29
Envolvimento em brigas com faca	1	7,14	2	20,00	1	9,09	4	11,43
Visitar pessoas	0	—	2	20,00	2	18,18	4	11,43
Por roubo	0	—	1	10,00	1	9,09	2	5,71
“Foi presa”	0	—	0	—	2	18,18	2	5,71
“Por prostituição”	0	—	0	—	1	9,09	1	2,86
Porte de arma	0	—	0	—	1	9,09	1	2,86
Companheiro preso	1	7,14	0	—	0	—	1	2,86
Não lembra	0	—	1	10,00	0	—	1	2,86
Como foi o atendimento?		(T=14)		(T=10)		(T=11)		(T=35)
Ruim /grosseiro	1	7,14	3	30,00	7	63,64	14	40,00
Bom	4	28,57	4	40,00	0	—	8	22,86
Péssimo	0	—	2	20,00	3	27,27	5	14,29
Mais ou menos	2	14,29	0	—	1	9,09	3	8,57
“Normal”	1	7,14	1	10,00	1	9,09	3	8,57
Não sabe dizer	2	14,29	0	—	0	—	2	5,71
Não respondeu	0	—	0	—	1	9,09	1	2,86

De nossas jovens, 70% já estiveram em uma Delegacia de Polícia, sendo que o 1º DP de São Vicente, localizado na região central, aparece em primeiro lugar. A DDM aparece em seguida, também com muitas referências. É importante assinalar que São Vicente não conta com uma delegacia especializada para adolescentes, como acontece em Santos (DECA). As ocorrências chegam no Distrito Policial mais próximo do local dos fatos, ou, quando se aplica ao caso, na única Delegacia da Mulher do município.

Ainda que no geral o principal motivo para terem ido a uma delegacia apareça como a prisão de uma irmã ou irmão, isso se mantém em

primeiro lugar apenas para meninas R: metade delas aponta essa circunstância. As jovens ER não enfatizam um motivo em particular, mas para ES o uso de drogas é citado por 45% delas. Uma dessas meninas assim respondeu: *“eu tava dentro de um carro com uns meninos, eles tavam usando droga e foram pegos com um “papel”, mas nós fomos liberados na mesma hora, porque ninguém ali tinha passagem pela polícia”*.

Quanto às queixas a favor da adolescente, além das já apontadas na tabela anterior, surge aqui menção a *“denúncia da mãe contra pessoa que atropelou adolescente”*(R) e *“queixa de tentativa de estupro”* (ER). E reforçando nos-

sa observação sobre o nível de violência contra a mulher, impetrada pelo próprio companheiro, entre os presos visitados por elas aparece um “*primo que matou a mulher*”.

Falando sobre o atendimento recebido nas delegacias de polícia, a maioria avalia como ruim ou péssimo, por motivos diversos: “*não é bom atendimento, ninguém trata bem*”; “*policiais muito ignorantes, gritavam, ameaçavam prender, mandar pro juizado*”; “*uma merda*”; “*não era bom, tinha fila, revista*”; “*a mulher nem ligou para o que eu estava falando*”(queixa de assédio); “*ruim, delegado muito bravo*”; “*policiais folgados*”; “*demorado e é um lugar chato, porque é só tristeza, muito sofrimento*”; “*ruim, tem de ficar pelada para revis-tarem*”. A maioria dessas opiniões foi expressa por meninas ES. Três delas, junto com duas ER, fazem uma avaliação ainda pior, de que o atendimento é “*péssimo*”: “*horível*” (ER); “*não gosto nem de lembrar disso... desrespeitosos... muito folgados os policiais*” (ER); “*policia tudo tarado, não podia ver uma menina de shortinho*” (ES); “*muito mal, xingam e judiam, batem na cara*” (ES); “*péssimo, apanhei de pau na DECA e no 2º DP*”(ES presa por assalto à mão armada).

Como “*mais ou menos*” classificamos as seguintes respostas: “*revistavam normal, mas depois fizeram de um jeito, que tinha que tirar a roupa*” (R); “*eles revistam, mandar levantar a blusa*” (R); “*mais ou menos, delegado bravo*” (ES). A cate-goria

ria “*normal*” inclui “*educados, acho que é o serviço deles*” (ER); “*ficou na recepção, achou normal, a tia não comentou nada*” (R) e “*não me trataram mal*”(ES). Quanto às duas meninas R que não souberam dizer, uma foi acompanhar alguém mas não entrou na delegacia e a outra não lembra.

Um pouco mais de 20% referem ter gostado do atendimento. Disseram que “*deu tudo certo*”; “*namorado que agrediu foi preso*” ou “*não demorou muito*”. Destaquemos o fato de essa avaliação positiva predominar para ER, aparecendo para quatro delas, ainda que uma diga não se lembrar do motivo de ter ido à delegacia. As outras apontaram: queixa de estupro, agressão do namorado, queixa da mãe em relação ao filho que estava drogado, perturbando. Considerando que as outras meninas que avaliaram positivamente (R) também não eram o alvo da ação policial, percebemos que tal avaliação predomina nas situações em que a menina não é a acusada, mas vítima ou acompanhante. A situação inversa, predominante entre as jovens prostituídas aqui entrevistadas, lhes assegura um outro lugar nessa relação. Ao transgredir a lei referem ser tratadas com desrespeito e violência, que em nada colabora para que tomem consciência do ato cometido. Ao contrário, termina provocando reações também violentas, que alimentam esse lugar marginal construído no jogo dialético protagonizado por diversos atores sociais, inclusive a polícia.

Tabela 18 relação com a febem

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Conhece a FEBEM?								
SIM	27	100,00	11	100,00	12	100,00	50	100,00
Em que circunstância?								
Ouviu falar	17	62,96	7	63,64	5	41,67	29	58,00
Amigos (as) estiveram lá	5	18,52	2	18,18	4	33,33	11	22,00
Irmã(o) foi internado	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Esteve internada	0	—	1	9,09	3	25,00	4	8,00
Conhece pela TV	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
No trabalho	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Já esteve na FEBEM?								
SIM	0	—	1	9,09	3	25,00	4	8,00
NÃO	27	100,00	10	90,91	9	75,00	46	92,00
Qual o motivo?			(T=1)		(T=3)		(T=4)	
Assalto com arma	0	—	0	—	3	100,00	3	75,00
Roubo	0	—	1	100,00	0	—	1	25,00
Como foi o atendimento?			(T=1)		(T=3)		(T=4)	
Péssimo	0	—	1	100,00	3	100,00	4	100,00

Todas as meninas conhecem a Febem, ainda que a maioria apenas tenha “ouvido falar”, porque muitas “conhecem várias pessoas que estiveram lá”. Ter amigos internados atinge 22% do total, predominando para meninas ES. Em relação aos irmãos, uma jovem ER salienta que “o irmão que já morreu de tiro foi interno”. Outra se referiu a ter conhecido a Febem por meio do trabalho, explicando que quando trabalhava na lotação, como cobradora, ia até lá com as pessoas que visitavam os internos.

Quatro dessas jovens já cumpriram medida de internação na Febem, na cidade de São Paulo. Todas avaliam o atendimento como péssimo, ressaltando que “foi muito ruim ficar longe das pessoas que a gente gosta”; “apanhava dos mo-

nitores” e “levava chute”.

Repete-se aqui o mesmo padrão apontado pela maioria na ação repressiva do policial, que privilegia a violência em detrimento de posturas educativas que promovam o desenvolvimento de novas identidades e a superação das atitudes em conflito com a lei. Trata-se de um modelo de atendimento que, ao contrário do que deveria, provoca os piores sentimentos nos adolescentes que passam por lá. Todos já sabem disso, resta priorizar políticas assentadas em outras bases, que resultem mais eficazes aos seus propósitos de transformar adolescentes infratores em cidadãos conscientes de seus deveres, lembrando que não se logra exigir cumprimento de deveres quando os direitos não são respeitados.

CAPÍTULO IV

**questões
de saúde**

Neste capítulo apresentaremos os dados referentes ao cuidado que nossas meninas dispensam à própria saúde, o uso que fazem

da rede de serviços quanto a médicos e dentistas, ocorrência de doenças e uso de remédios.

Tabela 19 cuidados com a saúde

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Cuida da saúde?								
SIM	20	74,07	8	72,73	8	66,67	36	72,00
NÃO	0	—	2	18,18	3	25,00	5	10,00
Mais ou menos	7	25,93	1	9,09	1	8,33	9	18,00
Exemplifique como cuida de sua saúde	(T=20)		(T=8)		(T=8)		(T=36)	
Vai ao médico periodicamente	6	30,00	0	—	2	25,00	8	22,22
Só vai ao médico quando doente	4	20,00	2	25,00	2	25,00	8	22,22
Procura comer bem	7	35,00	0	—	0	—	7	19,44
Previne doenças	2	10,00	1	12,50	1	12,50	4	11,11
Faz exercícios	3	15,00	0	—	0	—	3	8,33
Não fuma	2	10,00	1	12,50	0	—	3	8,33
Toma remédio quando doente	2	10,00	1	12,50	0	—	3	8,33
Usa camisinha	0	—	0	—	2	25,00	2	5,56
Observa o próprio corpo (manchas etc.)	1	5,00	0	—	0	—	1	2,78
Toma banho todo dia	1	5,00	0	—	0	—	1	2,78
Não bebe	1	5,00	0	—	0	—	1	2,78
Não sabe responder	0	—	1	12,50	0	—	1	2,78
Não respondeu	0	—	2	25,00	2	25,00	4	11,11

Quando questionadas sobre se cuidam da própria saúde, significativa maioria diz que sim. Destaquemos a ausência de respostas negativas para meninas R, apesar de 25% responderem apenas “mais ou menos”. Já para ER são quase 20% que dizem não cuidar da própria saúde, e para ES esse índice aumenta para 25%. Como os outros indicadores de risco social e pessoal, o cuidado com a saúde é inversamente proporcional à gravidade da situação de risco social a que a jovem está submetida.

Ao exemplificarem esse cuidado com a saúde, quase a metade, entre as meninas que afirmam se cuidar, associa-o imediatamente à figura do médico, seja para consultas periódicas (o que inclui aqui “*ir ao ginecologista*” e “*fazer pré-natal*”) ou quando estão doentes. Observemos, no entanto, que a atitude preventiva, de consultas médicas periódicas, não aparece para meninas ER, predominando em R. Este dado mais uma vez revela o abandono que caracteriza a situação de extremo risco, refletindo aqui, particularmente, uma vulnerabilidade maior dessas meninas às doenças em geral.

Em relação às meninas ES, as duas que dis-

seram ir ao médico periodicamente referiram-se a consultas ginecológicas. Considerando o total de jovens nessa categoria, chegamos ao dado preocupante de que apenas 16,7% tomam tal precaução, a despeito da atividade sexual que mantêm. O “uso de camisinha”, nesse contexto, surge apenas em ES, mas como resposta isolada, sem ligação com outros cuidados básicos.

“Comer bem” e “fazer exercícios”, enquanto atividades que exemplificam o cuidado com a própria saúde, aparecem apenas nas respostas de meninas R. Referem-se a “*comer o que é saudável*”; “*não ficar sem comer*”; “*tomar leite, comer verduras*”; “*beber bastante água, comer tudo que é legume*”, ou “*correr na praia, fazer dança*”; “*andar de bicicleta*”. Algumas dessas falas nos remetem a indicações próprias de mãe (ou de médico), marcando a diferença, entre os graus de risco, por uma maior presença da família nesses casos.

Outro conjunto de respostas que nos remete a orientações maternas, internalizadas pelas jovens, traduzimos pela atitude de “prevenir doenças”: “*não andar descalça nem na lama*”; “*não andar descalça nem beber gelado*”; “*evitar chuva*”.

Tabela 20 uso da rede de atendimento

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Usa serviços de saúde?								
SIM	21	77,78	8	72,73	7	58,33	36	72,00
NÃO	5	18,52	2	18,18	3	25,00	10	20,00
Mais ou menos	1	3,70	1	9,09	2	16,67	4	8,00
Quais serviços? (T=21) (T=8) (T=7) (T=36)								
Posto de Saúde / Unidade Básica	15	71,43	6	75,00	7	100,00	28	77,78
Hospital S. José/ PS (público, em S.V.)	6	28,57	6	75,00	2	28,57	13	36,11
Convênio da mãe Hospital G. A. (público, em Santos)	2	9,52	0	—	0	—	2	5,56
Farmácia	1	4,76	0	—	0	—	1	2,78
	1	4,76	0	—	0	—	1	2,78

Em relação ao uso de serviços de saúde e considerando-se que nossos sujeitos já são adolescentes, é preocupante que entre “não usar” e “usar mais ou menos” encontramos quase 30% do total. A descrença no serviço público de saúde, marcado por longas esperas e atendimento precário, deve ser um importante motivo para esta situação. Observamos que elas evitam ao máximo procurar ajuda médica, geralmente o fazem quando sentem gravidade nos sintomas, ou quando necessitam de atendimento emergencial. Entre as que dizem usar os serviços da rede,

quase a totalidade o faz nos postos de saúde ou no hospital público da cidade, que oferece pronto-atendimento.

Apenas duas meninas R referem serviços médicos privados. As respectivas mães têm direito a convênio médico em decorrência de seus empregos e as filhas figuram como dependentes. Trata-se da “Caixa de Previdência” (para funcionários da prefeitura de São Vicente) e do “Hospital Frei Galvão” (particular, em Santos, onde trabalha a mãe que está afastada por problemas respiratórios crônicos).

Tabela 21 doenças

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Já esteve internada?								
SIM	11	40,74	6	54,55	6	50,00	23	46,00
NÃO	15	55,56	5	45,45	6	50,00	26	52,00
Não sabe responder	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Já fez cirurgia?								
SIM	2	7,40	3	27,27	5	41,67	10	20,00
NÃO	25	92,59	8	72,73	7	58,33	40	80,00
Atualmente tem alguma doença?								
SIM	4	14,81	2	18,18	3	25,00	9	18,00
NÃO	21	77,78	8	72,73	9	75,00	38	76,00
Não sabe responder	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Quais doenças? (T=4) (T=2) (T=3) (T=9)								
Trato Respiratório	4	100,00	0	—	1	33,33	5	55,56
Dores de cabeça	0	—	1	50,00	1	33,33	2	22,22
Conjuntivite	0	—	1	50,00	0	—	1	11,11
Escabiose (sarna)	1	25,00	0	—	0	—	1	11,11
Hipertensão	0	—	0	—	1	33,33	1	11,11

Ao serem questionadas sobre internação hospitalar, várias meninas apresentaram os motivos, espontaneamente. Para R: “quebrou o nariz na praia”; “problemas no nascimento”; “broncopneumonia”; “pressão alta”; “aborto espontâneo”; “acidente de bicicleta”; “convulsão por uso de medicação psiquiátrica”. Para ER: “bronquite e pneumonia”; “problema renal”; “quase afogamento”; “tentou suicídio”; “estado de choque por presenciar um rapaz atirando em outro”.

Em relação a cirurgias, apresentaram as respostas a seguir. Para R: “apendicite”; “teve que tirar um ‘bichinho’ do braço”. Para ER: “pontos na testa e no pé”; “pontos na cabeça quando caiu da laje aos 3 anos”; “quebrou o maxilar quando caiu do beliche aos 2 anos”. Para ES: “retirou líquido do pulmão”; “unha encravada”; “carne esponjosa do nariz”; “adenóide”, “lança do portão penetrou no joelho”.

Entre as que referem apresentar alguma doença à época da entrevista (18% do total de sujeitos), mais da metade se queixa de doenças

no trato respiratório: “bronquite”, “rinite”, “sinusite”, “tosse e garganta”. Em segundo lugar aparece ‘dores de cabeça’ que inclui “enxaqueca e muito nervoso”.

Comparando esta tabela com a anterior, observamos que o uso de remédios não está coerentemente relacionado às doenças apresentadas. Aqui, o número de meninas R tomando remédios é bem superior às que disseram estar doentes, mesmo que excluamos “anticoncepcional” enquanto remédio no sentido curativo. Em relação a ER e ES, acontece o contrário: nem todas as meninas doentes estão tomando remédio.

Observando o tipo de medicação que meninas R estão tomando, podemos pensar que a atribuição de “estar doente” esteja relacionada à identificação momentânea de sintomas agudos, em contraposição a sintomas crônicos, já que várias dessas medicações indicam tratamentos de longo prazo: avitaminose, anemia, pressão alta, depressão e problemas na tireóide.

Tabela 22 uso de remédios

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Atualmente usa remédio?								
SIM	11	40,74	1	9,09	2	16,67	14	28,00
NÃO	16	59,26	10	90,91	10	83,33	36	72,00
Quais remédios?	(T=11)		(T=1)		(T=2)		(T=14)	
Vitamina	2	18,18	0	—	0	—	2	14,29
Sulfato ferroso	1	9,09	0	—	1	50,00	2	14,29
Anti-inflamatório	1	9,09	0	—	1	50,00	2	14,29
Anticoncepcional	2	18,18	0	—	0	—	2	14,29
Antibiótico	1	9,09	0	—	0	—	1	7,14
Anti-hipertensivo	1	9,09	0	—	0	—	1	7,14
Antidepressivo	1	9,09	0	—	0	—	1	7,14
Ansiolítico	0	—	1	100,00	0	—	1	7,14
Analgésico	1	9,09	0	—	0	—	1	7,14
Broncodilatador	1	9,09	0	—	0	—	1	7,14
P/ tireóide	1	9,09	0	—	0	—	1	7,14

Tabela 23 necessidade médica atual

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Precisa de médico hoje?								
SIM	14	51,85	3	27,27	8	66,67	25	50,00
NÃO	12	44,44	7	63,64	3	25,00	22	44,00
Não sabe responder	1	3,70	1	9,09	1	8,33	3	6,00
Por que?	(T=14)		(T=3)		(T=8)		(T=25)	
Ginecologista	6	42,86	1	33,33	3	37,50	10	40,00
Prevenção	2	14,29	1	33,33	1	12,50	4	16,00
Dores	2	14,29	0	—	1	12,50	3	12,00
“Caroço” inespecífico	2	14,29	0	—	0	—	2	8,00
Oftalmologista	0	—	1	33,33	0	—	1	4,00
Bronquite	1	7,14	0	—	0	—	1	4,00
Recuperação do uso de drogas	0	—	0	—	1	12,50	1	4,00
Puberdade tardia	1	7,14	0	—	0	—	1	4,00
Não respondeu	0	—	0	—	2	25,00	2	8,00

Metade de nossos sujeitos afirma precisar de médico no momento da entrevista. Desses, 40% apontam a necessidade de consulta ginecológica por motivos diversos, incluindo: “*problema no útero*”; “*pré-natal*” (duas meninas); “*suspeita de gravidez*” (três meninas); “*porque nunca fui em um*”.

Em segundo lugar aparece a necessidade de consulta médica preventiva, o que inclui “*faz*

tempo que não faço exame de sangue”. Considerando a importância dessas consultas regulares e o universo total de nossos sujeitos, esta ocorrência torna-se inexpressiva quando identificada apenas como 8% das meninas em geral.

Em patamar semelhante estão as “*dores*”, incluindo “*dores de barriga e vômitos*”; “*muitas dores de cabeça por ter apanhado muito do pai de meu filho*”.

Tabela 24 saúde bucal

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Já foi ao dentista?								
SIM	21	77,78	7	63,64	7	58,33	35	70,00
NÃO	6	22,22	4	36,36	5	41,67	15	30,00
Onde?	(T=21)		(T=7)		(T=7)		(T=35)	
Posto de Saúde	6	28,57	3	42,86	1	14,29	10	28,57
Convênio Camará	5	23,81	1	14,29	0	—	6	17,14
Hospital público	5	23,81	0	—	0	—	5	14,29
Particular	3	14,29	1	14,29	1	14,29	5	14,29
Escola	1	4,76	0	—	1	14,29	2	5,71
Plano de Saúde -Osan	1	4,76	0	—	0	—	1	2,86
Faculdade / Santos	0	—	0	—	1	14,29	1	2,86
Sesi	0	—	0	—	1	14,29	1	2,86
Não especificado	3	14,29	2	28,57	2	28,57	7	20,00

Tabela 25 necessidade odontológica atual

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Precisa de dentista hoje?								
SIM	18	66,67	10	90,91	9	75,00	37	74,00
NÃO	9	33,33	1	9,09	2	16,67	12	24,00
Não respondeu	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Por que?								
	(T=18)		(T=10)		(T=9)		(T=37)	
Para avaliação	1	5,56	2	20,00	2	22,22	5	13,51
Tem cáries	2	11,11	3	30,00	0	—	5	13,51
Dente quebrado	1	5,56	1	10,00	2	22,22	4	10,81
Fazer limpeza	3	16,67	0	—	0	—	3	8,11
Precisa de aparelho	3	16,67	0	—	0	—	3	8,11
Interrompeu o tratamento	2	11,11	0	—	1	11,11	3	8,11
Sente dor	2	11,11	0	—	0	—	2	5,41
Está em tratamento	1	5,56	0	—	0	—	1	2,70
Gengiva inchada	0	—	1	10,00	0	—	1	2,70
Nunca foi ao dentista	1	5,56	0	—	0	—	1	2,70
Não respondeu	2	11,11	3	30,00	4	44,44	9	24,32

Observando a relação dos serviços odontológicos utilizados pelos nossos sujeitos, devemos assinalar a variedade apresentada. Tal situação caracteriza uma diferença significativa em comparação às consultas médicas, quando foram apontados basicamente o posto de saúde e o hospital. Se considerarmos o dado – preocupante – de 30% das meninas nunca terem ido ao dentista, podemos inferir que o acesso a tratamento dentário, para a população de baixa renda, é ainda mais difícil que o atendimento médico. Essa realidade é constatada pelos trabalhadores da saúde e da área social, em geral, que percebem a ineficiência das políticas públicas, especialmente nessa área. Decorre daí a busca por alternativas de atendimento, que esbarram nos altos custos ou nas longas listas de espera.

Buscando enfrentar essa situação, o Cama-

rá estabeleceu parceria com uma dentista autônoma, na forma de trabalho voluntário, que cede um período semanal de sua agenda para atender aos jovens por nós encaminhados. Algumas das meninas atendidas pelo projeto já haviam iniciado seu tratamento, por isso o “convênio Camará” já aparece aqui em segundo lugar.

Como podemos observar na tabela 17, mais de dois terços de nossos sujeitos referem necessidade de tratamento dentário. A maioria, inclusive, sabe identificar qual ou quais os problemas: “*pôr aparelho, fazer limpeza e arrumar os dentes*”; “*furição no dente*”; “*dente preto*”; “*dente podre*”. No entanto, o que observamos em nossa prática é que essas jovens chegam ao dentista apenas quando as dores já se manifestam, caracterizando a gravidade no quadro. Não por mera opção, evidentemente, mas por dificuldade de acesso.

CAPÍTULO V

aspectos da sexualidade

Abordaremos aqui questões relacionadas a educação sexual, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e aborto.

Inicialmente, gostaríamos de assinalar que sexualidade é muito mais que reprodução. Ainda que setores mais conservadores, especialmente ligados a correntes religiosas, atribuam à atividade sexual a mera função de conservação da espécie, vivemos imersos numa cultura que nos diz, a todo instante, que para ser feliz é preciso ter prazer, e especialmente o sexual. Somos pressionados, desse ponto de vista, a mantermos um corpo desejável, a dispormos de nossa sexualidade com liberdade e descontração, a obtermos o prazer orgástico da relação.

O adolescente contemporâneo, cuja diferenciação em relação à criança reside especialmente no despertar de seu interesse sexual pelos parceiros, como pessoa em desenvolvimento torna-se alvo privilegiado dessa pressão cultural. É compelido a iniciar sua vida sexual atendendo aos padrões valorizados por essa sociedade, que cria para todos nós um paradoxo: uma ampla erotização que transforma sexo e prazer em produto para um consumo desenfreado, ao mesmo tempo em que mitifica esse prazer e o condiciona à perfeição do corpo ideal, da beleza ideal, do par ideal.

Nossas jovens, a partir de suas condições concretas de vida, vivem ainda outras contradições. Restritas à falta de acesso a espaços edu-

cativos que fomentem pensamento crítico, compõem e alimentam um universo cultural empobrecido, permeado pelos valores impostos por meios de comunicação de massa. Como elo de uma relação social perversa de valorização e uso do corpo juvenil como objeto privilegiado de desejo sexual, tornam-se alvos do assédio de adultos abusadores. Tais adultos não se reconhecem, como exige a lei, protetores de um desenvolvimento saudável para nossas crianças e adolescentes, que lhes assegure o lugar de sujeitos de direitos. Ao contrário, oferecem a elas o lugar de objeto para seu próprio prazer, mediante a sedução provocada pelo dinheiro e outros ganhos materiais, que encontram eco na situação de privação a que estão submetidas. O corpo juvenil, tão valorizado pela nossa sociedade e tão cobiçado por adultos abusadores, é tomado como mero produto à venda em uma esquina qualquer. E a situação de risco social, por tudo o que representa para a vida de uma criança ou jovem em nosso país, se constitui na condição de vulnerabilidade à exploração sexual desse grupo etário e de gênero.

Tal contexto social e cultural, permeado por profundas contradições, é o pano de fundo que devemos considerar ao analisar as respostas apresentadas por nossas meninas em relação à sexualidade. Levemos em conta, portanto, a complexidade inerente ao tema, que para além de fatores biológicos e hormonais envolve, essencialmente, importantes fatores emocionais.

Tabela 26 educação sexual

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Teve orientação sobre sexualidade?								
SIM	25	88,89	7	63,64	9	75,00	41	82,00
NÃO	1	3,70	2	18,18	3	25,00	6	12,00
Mais ou menos	1	3,70	2	18,18	0	—	3	6,00
Onde / com quem?								
	(T=25)		(T=7)		(T=9)		(T=41)	
Professor na escola	16	64,00	6	85,71	4	44,44	26	63,41
Profissional do Camará	8	32,00	1	14,29	2	22,22	11	26,83
Médico ou enfermeira no Posto de Saúde	7	28,00	1	14,29	0	—	8	19,51
Amigas	4	16,00	2	28,57	0	—	6	14,63
Mãe	4	16,00	1	14,29	0	—	5	12,20
Tia	3	12,00	0	—	2	22,22	5	12,20
Irmã mais velha	1	4,00	1	14,29	1	11,11	3	7,32
Avó	1	4,00	0	—	0	—	1	2,44
Televisão	0	—	0	—	1	11,11	1	2,44
Febem/ abrigos	0	—	0	—	1	11,11	1	2,44

Uma maioria muito significativa de nossos sujeitos (82%) afirma ter recebido orientação sobre sexualidade. Desse universo, praticamente dois terços referem ter sido orientados na escola, por professores em sala de aula ou em palestras. Médicos ou enfermeiras, em postos de saúde, foram citados por quase 20% do grupo. Importante explicitarmos aqui qual o caráter desse tipo de orientação sexual, incluído pela escola no programa de ciências biológicas, enquanto Saúde Reprodutiva. São explicações sobre o funcionamento dos órgãos sexuais, doenças sexualmente transmissíveis e outras questões no campo da biologia, fundamentais para o conhecimento de nossa capacidade sexual e reprodutiva, mas que não contemplam a discussão do tema em sua complexidade. Tais oportunidades de orientação, além de focalizarem apenas os aspectos biológicos, não fomentam a participação do jovem com suas dúvidas e questionamentos. Geralmente são situações em que um suposto especialista fala, seja professor ou médico, e o jovem escuta. Os sentimentos, as vivências e inseguranças relacionados à vida sexual que se inicia – a contrapartida emocional dessa questão – ficam sem possibilidade de expressão.

Se considerarmos o constrangimento que costuma pautar as conversas sobre sexualidade, podemos imaginar que ao apontar familiares

como orientadores, nossos sujeitos estão mais uma vez se referindo a situações nas quais não puderam falar livremente sobre o assunto. No total, 28% das meninas se incluíram nesse grupo.

No âmbito do *Projeto As Meninas*, desenvolvido pelo Camará, foi grande e intensa a participação das meninas na *Oficina de Sexualidade*. No entanto, como as entrevistas aqui analisadas foram aplicadas na fase inicial de participação da adolescente no projeto, as poucas meninas que aparecem nessa tabela atribuindo orientação sexual a um “profissional do Camará” são as que já freqüentavam a entidade anteriormente. Esta observação se aplica também à análise das tabelas subsequentes.

Destaquemos as respostas da categoria ES. Proporcionalmente, é o grupo que recebeu menos orientação sexual. Diferentemente das meninas R ou ER, as que disseram ter recebido alguma orientação, não apontaram médicos, amigas nem mãe. Indicaram professores, Camará, tia, irmã, televisão e instituição de abrigo, sendo que as três primeiras respostas foram apontadas por mais de uma menina. Considerando que a maioria delas não permanece na escola e que as relações familiares são pautadas por rupturas, a função do Camará junto a esse grupo, enquanto espaço educativo e de expressão de individualidades, adquire importância essencial.

Tabela 27 **conversas sobre sexualidade**

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Com quem conversa sobre sexualidade?								
Amigas / colegas	6	22,22	5	45,45	6	50,00	17	34,00
Ninguém	9	33,33	4	36,36	3	25,00	16	32,00
Mãe	3	11,11	1	9,09	2	16,67	6	12,00
Tia/ madrinha/ cunhada	3	11,11	0	—	2	16,67	5	10,00
Namorado / companheiro	4	14,81	0	—	0	—	4	8,00
Irmã / irmão	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Profissional do Camará	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Lê livros	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Televisão	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Não respondeu	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00

Questionadas sobre com quem conversariam sobre sexualidade, em primeiro lugar aparecem as amigas. No entanto, é muito revelador o alto índice de respostas indicando que não falam com ninguém (32%). Para a categoria R, isso aparece em primeiro lugar. Podemos supor que ER e ES falam mais com as amigas porque a convivência entre elas é mais intensa que em relação a R. Em geral, estas (R) ainda têm na família a principal referência quanto à convivência cotidiana.

Esta falta de interlocução, ou no máximo a possibilidade de compartilhar as dúvidas e experiências com seus pares, pode significar maior vulnerabilidade ao abuso e à exploração sexual. A quase inexistência, em nossa sociedade,

de espaços educativos capazes de oferecer suporte e acolhimento às questões trazidas pelos jovens, seja em relação à vida em geral, ou à sexualidade em particular, é uma questão que precisa ser enfrentada.

Em pleno século XXI, sexo ainda é um tabu. Assim como as mães, nossos educadores não se sentem à vontade para conversar livremente sobre o assunto. No entanto, diferente das mães, trata-se de um desafio profissional a ser enfrentado por esses educadores. É uma importante tarefa proporcionar reflexões sobre aspectos tão essenciais da vida. Inclusive para que, quando mães, essas meninas sintam-se melhor preparadas para conversar com seus filhos.

Tabela 28 informações sobre métodos contraceptivos

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Tem vida sexual ativa?								
SIM	12	44,44	8	72,73	12	100,00	32	64,00
NÃO	15	55,56	3	27,27	0	—	18	36,00
Conhece métodos anticoncepcionais?								
SIM	24	88,89	10	90,91	12	100,00	46	92,00
NÃO	3	11,11	1	9,09	0	—	4	8,00
Quais?								
	(T=24)		(T=10)		(T=12)		(T=46)	
Camisinha masculina	24	100,00	10	100,00	12	100,00	46	100,00
Pílula	23	95,83	8	80,00	10	83,33	41	89,13
Camisinha feminina	17	70,83	6	60,00	8	66,67	31	63,39
DIU	9	37,50	2	20,00	3	25,00	14	30,43
Diafragma	6	25,00	1	10,00	2	16,67	9	19,57
Tabela	4	16,67	1	10,00	2	16,67	7	15,22
Coito interrompido	2	8,33	2	20,00	2	16,67	6	13,04
Métodos naturais (muco, temperatura do corpo)	2	8,33	0	—	1	8,33	3	6,52
Injeção / vacina	0	—	0	—	2	16,67	2	4,35
Espermicida	1	4,17	0	—	0	—	1	2,17

Incluimos como resposta afirmativa ao questionamento sobre vida sexual ativa, “*mais ou menos*” e “*não atualmente*” (respostas indicadas por sete meninas), por compreendermos aqui a caracterização de sexualidade ativa não como assiduidade nas relações sexuais, mas pela mera existência de possibilidades para que tal comportamento ocorra. Assim, consideramos que

64% de nossos sujeitos têm vida sexual ativa, sendo que a categoria R é a única em que essa posição não prevalece.

Quase todas as meninas dizem conhecer métodos contraceptivos, e, entre eles, a camisinha masculina é o único método conhecido por todas. Em seguida aparece a pílula, e depois a camisinha feminina, para as três categorias.

Tabela 29 uso de métodos contraceptivos

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Usa algum método?								
SIM	11	40,74	8	72,73	9	75,00	28	56,00
NÃO	16	59,26	3	27,27	3	25,00	22	44,00
Qual?								
	(T=11)		(T=8)		(T=10)		(T=29)	
Camisinha masculina	9	81,82	8	100,00	8	80,00	25	86,20
Pílula	4	36,36	1	12,50	4	40,00	9	31,03
Camisinha feminina	0	—	0	—	2	20,00	2	6,90
Coito interrompido	1	9,09	0	—	0	—	1	3,45
Sabe sobre os riscos de não utilizar nenhum método?								
SIM	20	74,07	9	81,82	1	8,33	40	80,00
NÃO	6	22,22	2	18,18	0	—	8	16,00
Mais ou menos	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00

Comparando a tabela 29 com a anterior, podemos verificar que há meninas com vida sexual ativa que não usam métodos contraceptivos: uma na categoria R e três em ES. Entre as ES que dizem não se prevenir, observamos diferentes justificativas: assim como a única menina R, duas delas encontravam-se grávidas no momento da entrevista, e responderam à questão referindo-se à relação com seus parceiros. Como já estavam grávidas, o cuidado com a contracepção não aparecia como uma questão para elas naquele momento. A terceira é uma adolescente muito desorganizada psicologicamente, para quem já se recomendou tratamento psiquiátrico, que apresenta grandes dificuldades no reconhecimento de situações de risco pessoal. Há anos alterna períodos em situação de rua com períodos na casa de um tio, e quando faz programa sexual não se preocupa com auto-proteção.

Ao relacionarem os métodos que utilizam, algumas jovens apontaram mais de um tipo. Camisinha masculina e pílula foram as respostas mais frequentes. As duas ES que apontaram camisinha feminina deram impressão, aos entrevistadores, que estavam tentando demonstrar o quanto estariam bem informadas, incluindo na

resposta até métodos que na verdade não utilizavam. O uso da versão feminina da camisinha ainda não está popularizado.

Nessa mesma linha de análise podemos tentar compreender a ocorrência de tão alto índice de prevenção à gravidez: 87,5% das meninas que dizem ter vida sexual ativa. A resposta afirmativa, de que se previnem, certamente era a imaginada por elas como sendo a mais conveniente a ser colocada para o entrevistador. Foram consideradas respostas afirmativas, por exemplo, dizer que “às vezes” usa algum método (duas meninas); uma ER respondeu que usa camisinha, mas perguntou “*como era trepar com camisinha*” como se nunca tivesse experimentado. Considerando que há meninas que nem sabem dos riscos de não se usar nenhum método (16%), e ainda, o índice de 30% de jovens mães entre nossos sujeitos (tabela 6), podemos inferir que esse índice de prevenção está superestimado. É bastante provável que algumas jovens tenham se posicionado baseadas no que sabem ser a atitude mais responsável, escamoteando o próprio comportamento e provocando uma baixa frequência de sexo sem segurança, que não corresponde à realidade.

Tabela 30 gravidez e aborto

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Como seria engravidar nesse momento da vida?								
Muito ruim	4	14,81	2	18,18	5	41,67	11	22,00
Ruim, perderia a juventude	7	25,93	1	9,09	2	16,67	10	20,00
Está grávida	5	18,52	0	—	2	16,67	7	14,00
Difícil, porque não tem condições	5	18,52	0	—	1	8,33	6	12,00
Não sabe responder	2	7,40	2	18,18	1	8,33	5	10,00
Em conflito	1	3,70	2	18,18	1	8,33	4	8,00
Pai expulsaria de casa	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Ficaria bem	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Difícil porque já tem um bebê	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Nada	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Abortaria	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Já teve algum aborto?								
SIM, espontâneo	2	7,40	3	27,27	2	16,67	7	14,00
SIM, provocado	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
NÃO	23	85,19	7	63,64	6	50,00	36	72,00
Não respondeu	1	3,70	1	9,09	3	25,00	5	10,00

Quando questionadas sobre o que sentiriam se engravidassem nesse momento de suas vidas, apenas duas jovens disseram que ficariam bem. As demais, com diferentes ênfases, revelaram que seria ruim.

Em primeiro lugar aparecem sentimentos “muito ruins” provenientes do susto que a situação provocaria: “perder o chão”; “um choque”; “me jogar no inferno, terminaria a vida como a minha mãe, cobradora de lotação”; “um horror”; “péssimo”; “ficaria louca”; “um desastre”; “um pesadelo”; “uma regressão”.

Para 20% a ênfase está na discrepância da gravidez em tenra idade: “ia perder minha vida muito cedo”; “ficaria presa em casa tão nova”; “prejudicaria a vida”; “não ia poder sair, me divertir”; “difícil, ia atrapalhar meus estudos”. Outros 12% enfatizam a falta de condições materiais: “não quero, não tenho condições, o bebê sofrerá”; “burrice porque não tenho condições”; “difícil porque ainda não tenho minha casa”; “ia ter que batalhar para cuidar do filho”.

Entre as que estão grávidas surgem conflitos emocionais: “eu me arrependi, fui burra, sabia que isso ia acontecer”; “não planejei mas estou feliz”. Quatro meninas não grávidas também demonstram conflito em seus sentimentos: “estranho, mas legal”; “momento feliz mas perderia minha liberdade”; “feliz e triste porque não vou

poder ter a vida de antes, zoar”; “ia ter o filho mas não sei como ia fazer”.

Consideramos “não saber responder” (10%) as que expressaram-se como: “ainda sou virgem”; “sei lá, não tenho tempo pra pensar nessas coisas”; “não saberia como fazer”; “nem sonho”.

Uma menina ER respondeu, ainda, que “não sentiria nada, ia fazer quem me engravidou assumir o filho e a mim também”.

A despeito da prevalência de sentimentos negativos em relação a uma gravidez não planejada, verificamos na prática que, passado o primeiro impacto, sentem-se orgulhosas quando grávidas. Observamos que entre os amigos passam a ser alvo de cuidados e mais respeito; sentem-se valorizadas pelo seu vir-a-ser e melhor identificadas com a figura de mulher. Parece que a gravidez adquire o significado de uma ruptura definitiva com o mundo infantil, que as conduz ao universo das mulheres-mães, então adultas.

No tocante ao aborto, somente uma jovem cita este procedimento como possibilidade de reação a uma gravidez indesejada. Sendo uma prática ilegal, podemos supor que o constrangimento possa ter impedido, inclusive, que outras revelassem abortos já realizados. Apenas duas jovens referiram ter provocado tal situação. Espontaneamente, no entanto, 14% das meninas referem já ter abortado.

Tabela 31 informação sobre DST e AIDS

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Já ouviu falar em DST?								
SIM	27	100,00	9	81,82	11	91,67	47	94,00
NÃO	0	—	0	—	0	—	0	—
Mais ou menos	0	—	2	18,18	1	8,33	3	6,00
Quais você já ouviu falar?								
	(T=27)		(T=11)		(T=12)		(T=50)	
AIDS	27	100,00	11	100,00	12	100,00	50	100,00
gonorréia	18	66,67	8	72,73	9	75,00	35	70,00
sífilis	14	51,85	8	72,73	7	58,33	29	58,00
Crista de galo	4	14,81	0	—	4	33,33	8	16,00
Cancro mole	2	7,40	1	9,09	2	16,67	5	10,00
Herpes	3	11,11	0	—	1	8,33	4	8,00
Inflamação/ infecções	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Hepatite	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Candidíase	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Chato	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00

Podemos considerar que a totalidade de nossos sujeitos afirma ter ouvido falar em doenças sexualmente transmissíveis, apontando a AIDS em primeiro lugar. Levando em conta as cinco doenças mais citadas, destaquemos o fato de que, proporcionalmente, meninas ES demons-

tram ter mais conhecimento que R. Supomos que tal conhecimento não se origine apenas na escola, naquelas aulas de saúde reprodutiva, mas em decorrência das necessidades que a situação de exploração sexual impõe a elas: cuidados com o contágio de doenças e prevenção.

Tabela 32 prevenção de DST e AIDS

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Conhece algum método preventivo?								
SIM	25	92,59	9	81,82	12	100,00	46	92,00
NÃO	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Não sabe responder	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Quais?								
	(T=25)		(T=9)		(T=12)		(T=46)	
Camisinha masculina	23	92,00	9	100,00	12	100,00	44	95,65
Camisinha feminina	2	8,00	0	—	0	—	2	4,35
Pílula / comprimido	1	4,00	1	11,11	0	—	2	4,35
DIU	1	4,00	0	—	0	—	1	2,17
Diafragma	1	4,00	0	—	0	—	1	2,17
Vacina contra hepatite	0	—	0	—	1	8,33	1	2,17
Higiene	0	—	1	11,11	0	—	1	2,17
Você usa algum método?								
SIM	8	29,63	6	54,55	8	66,67	22	44,00
NÃO	19	70,37	4	36,36	4	33,33	27	54,00
Não sabe responder	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Quais?								
	(T=8)		(T=6)		(T=8)		(T=22)	
Camisinha masculina	8	100,00	6	100,00	8	100,00	22	100,00

A menina ER que consideramos não saber responder a primeira pergunta disse que “*não se lembrava do que era método preventivo*”. Quase a totalidade das jovens respondeu afirmativamente a essa questão. Dessas, a esmagadora maioria fez referência à camisinha masculina como método preventivo para DST e AIDS. Apenas em R apareceram meninas (duas) que não citaram esse método.

Ao se posicionarem quanto à utilização de métodos preventivos, observamos um decrésci-

mo na frequência de respostas positivas, para as três categorias, em relação à resposta positiva atribuída à contracepção. Considerando o universo total de nossos sujeitos: 64% têm vida sexual ativa, 56% diz se prevenir contra a gravidez e apenas 44% o faz contra DST e AIDS.

Essa situação nos indica que cerca de 30% das jovens com vida sexual ativa não usam preservativo, o que é um dado muito preocupante tendo em vista as conseqüências decorrentes dessa atitude.

CAPÍTULO VI

uso de drogas

Neste capítulo analisaremos os principais aspectos dos dados obtidos sobre consumo de

drogas legais como cigarro e álcool, o uso de drogas ilegais e o tratamento para drogadição.

Tabela 33 uso de cigarro e álcool

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Fuma?								
SIM / às vezes	7	25,93	8	72,73	11	91,67	26	52,00
NÃO	20	74,07	3	27,27	1	8,33	24	48,00
Há quanto tempo?		(T=7)		(T=8)		(T=11)		(T=26)
Menos de 1 ano	0	—	1	12,50	0	—	1	3,85
De 1 a 2 anos	1	14,29	4	50,00	2	18,18	7	26,92
De 2 a 3 anos	2	28,57	0	—	1	9,09	3	11,54
De 3 a 4 anos	1	14,29	1	12,50	3	27,27	5	19,23
De 4 a 5 anos	0	—	1	12,50	1	9,09	2	7,69
Mais de 5 anos	3	42,86	1	12,50	4	36,36	8	30,77
Bebe?								
SIM / às vezes	14	51,85	9	81,82	8	66,67	31	62,00
NÃO	13	48,15	2	18,18	4	33,33	19	38,00
Há quanto tempo?		(T=14)		(T=9)		(T=8)		(T=31)
Menos de 1 ano	3	21,43	0	—	0	—	3	9,68
De 1 a 2 anos	1	7,14	2	22,22	1	12,50	4	12,90
De 2 a 3 anos	2	14,29	1	11,11	3	37,50	6	19,35
De 3 a 4 anos	1	7,14	2	22,22	3	37,50	6	19,35
De 4 a 5 anos	2	14,29	0	—	0	—	2	6,45
Mais de 5 anos	0	—	2	22,22	0	—	2	6,45
“Faz muito tempo”	1	7,14	2	22,22	0	—	3	9,68
Não sabe	1	7,14	0	—	0	—	1	3,23
Não respondeu	3	21,43	0	—	1	12,50	4	12,90

Mais da metade de nossos sujeitos é fumante. Comparando as categorias podemos observar que aumenta muito a proporção de fumantes, conforme se agrava o grau de risco social. Enquanto em R quem fuma é a minoria, em ES quase todas fumam.

Analisando o fator tempo, chama atenção a situação de ER. Enquanto nas outras duas categorias é muito expressiva a ocorrência para “mais de 5 anos”, a maioria das meninas ER diz ter começado a fumar entre 1 e 2 anos atrás. Sabe-se que a situação de extremo risco resulta de um processo de agravamento nas condições gerais de vida da adolescente, daí supomos uma relação direta entre o desencadeamento da situação de extremo risco e o início do consumo de cigarros. Ou seja, esta tabela parece nos indicar que o acirramento de tensões emocionais,

que precederiam em 1 ou 2 anos a situação atual de pelo menos metade das meninas ER, seria propício para a iniciação no uso de cigarros.

O consumo de bebida alcoólica surge ainda com maior frequência que o de cigarros. No geral, 62% de nossas jovens dizem fazer uso de álcool. Destaquemos o fato de a maior ocorrência aparecer em ER: novamente esta situação sugere estreita ligação entre a vivência emocional carregada de ansiedade, própria do extremo risco, com o uso de substâncias psicoativas. Por passarem a maior parte do tempo na rua, em companhia de outros jovens em situação semelhante, as noitadas incluem quase sempre bebidas e outras drogas. Na busca de diversão permanente, à noite os bares são uma opção: vários deles não controlam a venda de bebidas a menores de idade, facilitando o acesso.

Tabela 34 uso de drogas ilegais

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Já experimentou drogas?								
SIM	8	29,63	10	90,91	11	91,67	29	58,00
NÃO	19	70,37	1	9,09	1	8,33	21	42,00
Quais?								
		(T=8)		(T=10)		(T=11)		(T=29)
Maconha	6	75,00	10	100,00	11	100,00	27	93,1
Cocaína	2	25,00	4	40,00	5	45,45	11	37,93
Cola	0	—	2	20,00	4	36,36	6	20,69
Crack	0	—	0	—	2	18,18	2	6,90
Mesclado ¹	0	—	0	—	2	18,18	2	6,90
Lança perfume	0	—	2	20,00	0	—	2	6,90
Thinner	0	—	0	—	1	9,09	1	3,45
Benzina	0	—	0	—	1	9,09	1	3,45
Álcool	1	12,50	0	—	0	—	1	3,45
Mais de 1 tipo	1	12,50	4	40,00	5	45,45	10	34,48
Com que idade?								
		(T=8)		(T=10)		(T=11)		(T=29)
11 anos	0	—	2	20,00	2	18,18	4	13,79
12 anos	0	—	2	20,00	1	9,09	3	10,34
13 anos	1	12,50	1	10,00	2	18,18	4	13,79
14 anos	1	12,50	2	20,00	3	27,27	6	20,69
15 anos	4	50,00	1	10,00	1	9,09	6	20,69
16 anos	2	25,00	0	—	1	9,09	3	10,34
17 anos	0	—	2	20,00	0	—	2	6,90
Não respondeu	0	—	0	—	1	9,09	1	3,45

¹ Trata-se de um cigarro preparado com maconha e cocaína.

Por se tratar de um indicador importante da situação de risco pessoal e social a que uma criança ou adolescente está exposto, já era de se esperar que o consumo de drogas ilegais aparecesse com frequência bem maior nas categorias ER e ES.

Considerando o universo total de nossos sujeitos: entre as meninas que dizem já ter experimentado drogas ilegais, o que compõe praticamente 60% desse total, quase todas usaram maconha. Esta é a droga mais utilizada pelas adolescentes que frequentam o projeto, ficando a cocaína em segundo lugar. Cola e lança perfume são apontadas também por meninas ER, mas a maior variedade de drogas utilizadas aparece na categoria ES.

Buscando compreender este último fato, devemos considerar a maior autonomia dessas meninas, no sentido de não terem a quem dar satisfações e dividirem suas moradias com amigos, bem como a estreita relação existente em nossa sociedade entre a prostituição e o tráfico de drogas. A liberdade para seu uso e a facilidade de acesso, aliadas ao alívio emocional que a droga oferece, sugere alguma explicação para tal.

Comparando as categorias podemos observar como em ER e ES é bem mais expressivo o uso de mais de uma droga do que para R. Ao analisarmos as idades indicadas como início do consumo, destaca-se uma importante diferença: de maneira geral, ER e ES começaram a usar drogas bem mais cedo que as outras meninas.

Tabela 35 consumo atual de drogas

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Continua usando?	(T=8)		(T=10)		(T=11)		(T=29)	
SIM / às vezes	0	—	8	80,00	7	63,64	15	51,72
NÃO	8	100,00	2	20,00	4	36,36	14	48,28
Quais?			(T=8)		(T=7)		(T=15)	
Maconha	—	—	8	100,00	6	85,71	14	93,33
Cocaína	—	—	0	—	2	28,57	2	13,33
Mesclado	—	—	0	—	1	14,29	1	6,67
Mais de 1 tipo	—	—	0	—	2	28,57	2	13,33
Com que frequência?								
Diariamente	—	—	4	50,00	5	71,43	9	60,00
Quase todo dia	—	—	1	12,50	1	14,29	2	13,33
Às vezes	—	—	1	12,50	1	14,29	2	13,33
Final de semana	—	—	1	12,50	0	—	1	6,67
Não respondeu	—	—	1	12,50	0	—	1	6,67

Na categoria R nenhuma das meninas mantém o consumo de drogas. Em ER é maciça a proporção das que continuam, sendo maioria também em ES. Diferente das meninas ER, que dizem fazer uso atualmente apenas de maconha, na categoria ES aparecem ainda cocaína e mesclado. Quase 30% delas consomem mais de um tipo de droga. Em ambos os grupos a frequência com que utilizam a droga é grande: a maioria o faz diariamente. Aparecem falas como “fumo maconha todo dia, toda hora: pra comer, pra dormir, pra ficar legal tem que ter maconha” (ES); “fumo todo dia, três vezes por

dia: acordou, um. Comeu de tarde, outro. E depois um pra dormir. A maconha é como se fosse um remédio pra mim” (ER).

Destaquemos, nessa tabela, o fato de não terem surgido referências para o consumo atual de álcool. Certamente isso se deve ao costume, difundido em nossa sociedade, de nomear como drogas apenas as ilegais. Observemos que na tabela 26 apenas uma menina R faz menção à bebida alcoólica enquanto droga. As jovens ER e ES que dizem continuar a consumir substâncias psicoativas, certamente desconsideraram este elemento em suas respostas.

Tabela 36 tratamento para drogadição

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Já fez tratamento?								
SIM	0	—	0	—	3	27,27	3	10,34
NÃO	8	100,00	10	100,00	8	72,73	26	89,66
Onde?								
Instituições de caráter religioso	—	—	—	—	3	100,00	3	100,00
Como foi o atendimento?								
Difícil suportar a internação	—	—	—	—	3	100,00	3	100,00

ES é a única categoria na qual aparecem referências à internação para tratamento de drogadição. As três meninas que se incluíram nessa situação disseram ter sido internadas em instituições de caráter religioso, na região da Baixada Santista. Questionadas sobre o atendimento recebido responderam: *“legal no começo, muitas atividades, depois dá saudade de tudo, tem que ser forte”*; *“muito chato, não dá pra ver a cara da rua”*; *“fugi após cinco dias, não gostei de ficar trancada”*.

Instituições religiosas, na maioria dos casos, baseiam o tratamento a drogaditos na fé e na disciplina. Nossa experiência no trabalho com jovens tem demonstrado que dificilmente eles se adaptam a tal modelo de atendimento, e, como o enfrentamento dessa questão pelo poder público tem ficado muito aquém das necessidades, os jovens que fazem uso abusivo de drogas, não encontram opções quando pensam em parar. Há necessidade, em determinados momentos, de

internação desse jovem para desintoxicação, no entanto, entendemos que tal procedimento deva ocorrer em instituição de saúde, com profissionais devidamente preparados.

A drogadição é uma atitude perante a vida, carregada de significados pessoais. E, como tal, precisa ser enfrentada pelos diversos projetos que oferecem atendimento ou atividades para jovens em situação de risco pessoal e social.

É preciso que esses profissionais, empenhados em oferecer oportunidades de desenvolvimento saudável, levem em conta as singularidades de cada jovem, de maneira a oferecer atendimento personalizado. Isso significa apostar em projetos pessoais, diferenciados, que permitam ao jovem resignificar aspectos da própria vida e alimentar projetualidade. Um atendimento massificado, padronizado, como os citados pelas meninas, dificilmente oferece resultado exitoso.

CAPÍTULO VII

**religião, cultura
e lazer**

Analisaremos a seguir os aspectos mais relevantes dos dados obtidos em relação à religião,

freqüência a atividades culturais e esportivas, e ainda atividades de lazer.

Tabela 37 religião

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Tem religião?								
SIM	18	66,67	6	54,55	8	66,67	32	64,00
NÃO	9	33,33	4	36,36	4	33,33	17	34,00
Não respondeu	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
É praticante?								
SIM	4	22,22	2	33,33	1	12,50	7	21,88
NÃO	7	38,89	2	33,33	5	62,50	14	43,75
Mais ou menos	5	27,78	1	16,67	0	—	6	18,75
Não respondeu	2	11,11	1	16,67	2	25,00	5	15,63
Qual a religião?								
Católica	11	61,11	4	66,67	3	37,50	18	56,25
Evangélica	3	16,67	1	16,67	1	12,50	5	15,63
Acredita em Deus	2	11,11	0	-	1	12,50	3	9,38
Espiritismo	1	5,56	0	-	1	12,50	2	6,25
Igreja Universal	1	5,56	0	-	0	—	1	3,13
Igreja Batista	0	—	0	-	1	12,50	1	3,13
Assembléia de Deus	0	—	0	-	1	12,50	1	3,13
Umbanda	0	—	1	16,67	0	—	1	3,13

Esta tabela precisa ser analisada com cuidado, porque à primeira vista pode induzir-nos a conclusões equivocadas. Algumas meninas atribuíram a mesma justificativa para responder afirmativamente ou negativamente à primeira pergunta.

Entre as que disseram não ter religião, surgiram respostas como: “*acredito em Deus*”; “*só acredito em Deus*”; “*acredito em tudo*”; “*freqüento qualquer igreja*” e ainda “*sou só católica e pra mim ser católica não é ter religião*”. Acreditar em Deus ou ser católica não praticante aparece também entre as que disseram ter religião, portanto, não podemos estabelecer uma proporcionalidade entre as meninas que têm ou não religião, a partir desses dados.

O que parece prevalecer não é a escolha de uma religião, mas sim a religiosidade. Entre as que se disseram católicas, por exemplo, há respostas como “*sou católica, mas adoro ir na evangélica*”; “*não acredito em imagens, fecho o olho e penso em Deus*”; “*não vou para a igreja mas eu rezo*”; “*mesmo não indo à igreja considero que posso ser praticante: lendo a bíblia, acreditando em Deus*”. E entre as evangélicas: “*sou mais da evangélica que da católica*”. Houve aquelas que não se identificaram com nenhuma religião em especial, mas demonstraram sua crença: “*eu acredito*

em Deus, eu tenho uma religião só que não achei ela”; “*sou cristã*”; “*acredito em Deus, mas na verdade não sei qual é a minha religião*”. A identificação com uma ou outra religião, nesses casos, deve estar relacionada à tradição familiar. A expressiva maioria das que disseram ter religião não é praticante, o que parece justificar o teor dessas falas: mostram a presença de um sentimento religioso, mas pouca diferenciação quanto ao credo específico.

Destaque seja dado ao fato de ter aparecido apenas uma referência à Umbanda. Sendo uma religião que provoca preconceitos ao ser relacionada a práticas maléficas, podemos supor que essa opção tenha sido omitida por outras jovens praticantes. É comum que se refiram a essa religião como “*espiritismo*”, o que nos leva a pensar que as duas meninas que se disseram espíritas podem estar nessa situação.

Em relação ao nosso universo total de sujeitos, apenas 14% se declararam como religiosas praticantes. Essas meninas são as duas espíritas e a umbandista, três católicas e uma evangélica.

Considerando o grande número de sujeitos que explicitaram suas crenças em Deus e o baixo número de religiosas praticantes, podemos concluir que a maioria se identifica como cristã, mais

do que com alguma prática sistemática. Não seguem preceitos de religiões específicas, mas reco-

nehcem um poder sobrenatural que alimenta sentimentos de religiosidade.

Tabela 38 cultura e esporte

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Tem atividades de cultura?								
SIM	10	37,04	6	54,55	6	50,00	22	44,00
NÃO	17	62,96	5	45,45	6	50,00	28	56,00
Quais?	(T=10)		(T=6)		(T=6)		(T=22)	
Oficinas (no Camará)	9	90,00	5	83,33	5	83,33	19	86,36
Cinema	2	20,00	2	33,33	0	—	4	18,18
Teatro (na Prefeitura)	2	20,00	0	—	0	—	2	9,09
Baile funk	0	—	0	—	1	16,67	1	4,55
Desenho e Pintura (no Sesi)	0	—	1	16,67	0	—	1	4,55
Leitura	0	—	1	16,67	0	—	1	4,55
Capoeira (na Escola)	1	10,00	0	—	0	—	1	4,55
Tem atividades de esporte?								
SIM	8	29,63	2	18,18	3	25,00	13	26,00
NÃO	19	70,37	9	81,82	9	75,00	37	74,00
Quais?	(T=8)		(T=2)		(T=3)		(T=13)	
Jogo de bola (na rua)	3	37,50	2	100,00	0	—	5	38,46
Jogo de bola (na Escola)	3	37,50	0	—	0	—	3	23,08
Futebol (no Camará)	1	12,50	0	—	1	33,33	2	15,38
Caminhada	1	12,50	0	—	0	—	1	7,69
Bicicleta	0	—	0	—	1	33,33	1	7,69
Capoeira	0	—	0	—	1	33,33	1	7,69

Menos da metade das jovens declarou realizar alguma atividade cultural. A maioria das que o fazem cita atividades realizadas no Camará: “dança”; “fotografia e vídeo”; “oficina de chocolate”; “atividades no Camará”. Se considerarmos que o “cinema” aqui se refere às oportunidades que o projeto tem oferecido, a “leitura” refere-se à biblioteca circulante que o Camará coloca à disposição, e “Desenho e Pintura no Sesi” é resultado de parceria entre as duas instituições, apenas quatro das meninas em atividades culturais o fazem fora do Camará. São o curso de teatro na Secretaria Municipal de Cultura, a capoeira oferecida na escola e o baile funk. Sabemos que, em nosso município, não é usual a escola oferecer capoeira, portanto esta deve ser uma atividade circunstancial, de pouca duração. Os bailes funk que acontecem na comunidade são espaços que, além da música e da dança, são conhecidos pelo alto índice de violência e consumo de drogas.

Esta situação nos dá a medida da falta de

opção encontrada por essas meninas quanto à frequência a atividades culturais. É verdade que há instituições que oferecem algumas alternativas gratuitamente, exatamente as que foram citadas por elas. No entanto, a dificuldade de acesso é muito grande. Geralmente desconhecem as possibilidades, ou, quando sabem, não conseguem tomar as providências. Tudo se torna muito difícil: ir até a instituição, efetuar a matrícula, eventualmente organizar algum material solicitado, e principalmente manter assiduidade. Temos presenciado que, se não forem acompanhadas nesse processo, geralmente perdem a oportunidade ou não conseguem chegar ao final dos cursos. A situação de extremo risco ou de exploração sexual dificulta também, além do acesso, a vinculação dessas jovens aos programas de atendimento. Ainda que o interesse fique evidente, o compromisso com a frequência sistemática e o fazer coletivo são os grandes desafios. Para elas e para os profissionais.

Com relação às práticas esportivas, é ainda menor a incidência de respostas afirmativas: apenas 26% do total. Nesses casos predomina o jogo de bola, seja “vôlei”, “queimada”, ou “futebol”. Comparando as categorias podemos observar que enquanto meninas R jogam bola igualmente na rua e na escola, ER referem apenas a jogo na rua e ES no Camará (à época da entrevista reuníamos algumas jovens para jogar futebol na praia, aos sábados).

Esta situação comparativa remete à reflexão sobre o decréscimo de referências comunitárias que nos revelam essas meninas, proporcionalmente ao seu grau de risco social: a escola como

referência, que permanece para R, já desaparece para ER; a vizinhança, os “amigos da rua” que permanecem para ER, desaparecem para ES. Esses diferentes lugares ocupados por elas são resultado de importantes processos sociais e afetivos, que precisam ser considerados pelos profissionais que buscam se constituir em novas referências para jovens nessas situações. A resistência à vinculação, os ataques de agressividade, a falta de compromisso são expressões desse lugar social marcado por rupturas e desconfiças, que a nós profissionais cabe compreender e aceitar como fato, para então provocar transformações.

Tabela 39 atividades de lazer

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Nos momentos de lazer, o que mais gosta de fazer?								
Atividades coletivas	28		14		14		56	
Passear	6	22,22	5	45,45	3	25,00	14	28,00
Dançar	5	18,52	2	18,18	4	33,33	11	22,00
Sair com amigos	5	18,52	2	18,18	2	16,67	9	18,00
Namorar	3	11,11	3	27,27	1	8,33	7	14,00
Jogar bola	3	11,11	1	9,09	0	—	4	8,00
Conversar	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
Brincar / zoar	0	—	0	—	2	16,67	2	4,00
Jogar cartas	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Ir ao cinema	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Ir ao Camará	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Fumar maconha	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Visitar a família	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Atividades neutras (só ou com alguém)	21		3		4		28	
Escutar música	12	44,44	1	9,09	2	16,67	15	30,00
Ver TV	5	18,52	0	—	2	16,67	7	14,00
Andar de bicicleta	3	11,11	1	9,09	0	—	4	8,00
Tomar “banho de mangueira”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Nada	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Atividades solitárias	13		6		3		22	
Dormir	1	3,70	1	9,09	2	16,67	4	8,00
Escrever	3	11,11	1	9,09	0	—	4	8,00
Ler / estudar	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Ficar em casa / arrumar a casa	0	—	2	18,18	1	8,33	3	6,00
Desenhar	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Fazer tricô e crochê	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Fazer comida / comer	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Ler a bíblia	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Pensar	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00

Nesta questão muitas meninas indicaram mais de uma resposta; todas foram consideradas. Para melhor visualizar os resultados, classificamos as respostas considerando se são atividades coletivas, solitárias ou neutras, que podem igualmente ser realizadas sozinha ou com mais alguém.

De maneira geral, predomina a relação entre lazer e atividades coletivas. Observemos as diferenças entre as maiores ocorrências para cada categoria de risco: para quase metade das meninas R, o melhor a fazer em momentos de lazer é “escutar música” (o que elevou esta atividade ao patamar da mais indicada); para ER é ‘passear’, que inclui respostas como “*passear na praia*”, “*passear em parque*”, “*ir no shopping*”; para meninas ES aparece em primeiro lugar ‘dançar’, que inclui “*ir ao baile*” e “ *festa*”, seguida de perto por ‘passear’.

“Ver TV” aparece com a mesma frequência que “namorar”, no entanto, a distribuição entre as categorias de risco é bem diferente. Considerando as meninas ER, chama a atenção como não aparece nenhuma referência à TV, enquanto o namoro adquire maior expres-

sividade que nas outras duas categorias. Ao contrário do namoro, assistir televisão é uma atividade a ser feita em casa, onde tais meninas pouco se mantêm.

“Ficar em casa ou arrumar a casa” não aparece para R, mas para duas meninas ER e uma ES. Acho que devemos considerar aqui os diferentes contornos que essa atividade adquire a depender da situação de vida da menina. Para R, na qual a casa geralmente é a de sua família, tal atividade não se relaciona a lazer, mas muitas vezes a obrigação. Quanto às duas meninas ER que apresentaram essa resposta, uma diz que gosta de arrumar a casa, e a outra que gosta de ficar em casa. O que à primeira vista parece curioso, já que são meninas que ficam pouco em casa, parece confirmar o fato de que estar muito nas ruas não significa que não gostem ou não queiram estar nesse espaço doméstico, mas reflete questões de ordem psicossocial, expressas no âmbito das relações familiares, que aí precisam ser trabalhadas. Em relação à única menina ES que nos apresentou a mesma resposta, referia-se à própria moradia, demonstrando prazer em cuidar de seu próprio canto.

CAPÍTULO VIII

**relações
interpessoais**

Aqui apresentaremos nossa análise sobre alguns aspectos das relações interpessoais estabelecidas pelas jovens participantes do projeto.

Abordaremos os fatores que elas valorizam e os que desaprovam nos amigos, a quem admiram e por quê, a quem respeitam e quais os motivos.

Tabela 40 o que valoriza nos amigos

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		(50)	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Dos amigos: o que mais gosta neles?								
Sinceridade	11	40,74	5	45,45	9	75,00	25	50,00
Companheirismo	7	25,93	2	18,18	0	—	9	18,00
Poder confiar	5	18,52	3	27,27	0	—	8	16,00
Humor / alegria	3	11,11	2	18,18	0	—	5	10,00
Capacidade de compreensão	2	7,40	2	18,18	0	—	4	8,00
Fidelidade	2	7,40	0	—	2	16,67	4	8,00
Apoio	1	3,70	1	9,09	1	8,33	3	6,00
Humildade	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Simpatia	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Respeito	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Carinho	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
“Doidice”	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Nada	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Não sabe dizer	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Não tem amigos	5	18,52	0	—	0	—	5	10,00
Não respondeu	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00

As questões abordadas neste capítulo suscitaram nos sujeitos mais de uma resposta, e todas foram consideradas. Por essa razão tivemos de concentrar a diversidade de respostas em alguns significados mais abrangentes, de maneira a possibilitar a organização dos dados. Verdade que há semelhança entre alguns desses significados, e que se a tabulação fosse feita por outra pessoa poderia resultar em outras categorias de análise. A tentativa foi de encontrar categorias significativas que traduzissem o sentido presente na fala de cada menina. No entanto, para garantir que o máximo de informações seja colocado à disposição do leitor, apresentaremos a cada tabela quais foram as respostas consideradas nas categorias de significado, estabelecidas a partir da interpretação da pesquisadora.

- “Sinceridade” inclui também “*honestidade*”.
- “Companheirismo” refere-se a “*companhia deles*”, “*ficar com eles*”, “*companhia para sair*”.
- “Poder confiar” inclui “*conversar civilizadamente*”, “*poder contar as coisas*”, “*conversar*”.
- “Capacidade de compreensão” inclui “*que não seja ignorante*”, “*harmonia*”.
- “Apoio” inclui “*solidariedade*”, “*atenção*”.

Ao apontar as características que mais valo-

rizam nos amigos, a “sinceridade” foi a mais indicada pelos três grupos de entrevistadas. Observamos que esse índice chega a 75% para meninas ES, refletindo provavelmente o contraponto de uma realidade cotidiana marcada por relações abusivas e exploradoras. Esse grupo aponta ainda “fidelidade” e “apoio”, seguindo na mesma linha. Curioso o fato de uma dessas meninas ter se referido aos amigos unicamente como não tendo “nada” de valor, porque “*só levam para o mau caminho*”. Ela própria, muitas vezes, agiu como aliciadora de outras meninas, em relação a furtos e uso de drogas. Podemos pensar que ela se refira aqui a um certo padrão de relacionamento do qual tenha sido vítima, e que tenha passado a repetir na tentativa de ocupar um lugar supostamente de maior poder.

A pouca variedade de respostas na categoria ES parece indicar que essas meninas esperam menos daqueles a quem consideram amigos: basta ser sincero para ser considerado “amigo”. Ser amigo, aqui, sugere um significado de mera oposição a *inimigo*, em que sinceridade e fidelidade seriam seus indicadores. Em nossa prática de atendimento temos observado o quanto uma amiga ou amigo pode se tornar, num piscar de olhos, em inimigo de morte, a partir de uma fofoca qualquer. Presenciamos situações gra-

víssimas, de agressões físicas e ameaças de morte, entre jovens que até o dia anterior eram *amigas*. Bastou uma situação entendida como *falsidade* para que a pessoa fosse identificada em outro campo de batalha e uma guerra se estabelecesse. É uma visão maniqueísta, que representa um mundo endurecido pela pouca flexibilidade desse jogo social, denunciando a fragilidade da mediação simbólica nessas relações. A possibilidade de reação apresenta-se tão somente ao nível da concretude, resultando em violência. Nosso papel profissional, nessas situações, tem sido o de introduzir a mediação simbólica por meio do diálogo: conversas nas quais

se objetiva transpor tal rigidez de papéis e trazer à luz as singularidades manifestas nas motivações e sentimentos presentes naquela situação específica.

Assinalemos o fato de quase 20% das meninas R dizerem que não têm amigos, enquanto isso não aparece para as outras categorias. Podemos interpretar essa situação a partir das diferenças na concepção do que venha a ser um amigo, aliado ao fato de que nesse subgrupo há um controle maior de algumas famílias, quanto ao período de permanência das meninas na rua. Para ER e ES a vivência de rua, com outros jovens, é mais intensa e cotidiana que para R.

Tabela 41 o que desaprova nos amigos

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
O que menos gosta nos amigos?								
Falsidade								
Presunção	12	44,44	6	54,55	7	58,33	25	50,00
Bagunça	2	7,40	3	27,27	0	—	5	10,00
Quando briguentos	3	11,11	1	9,09	0	—	4	8,00
Que “encham o saco”	2	7,40	2	18,18	1	8,33	4	8,00
Fofoca	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Interferência na vida / controle	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Impaciência	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Discriminação	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Quando oferecem maconha	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Quando “falam não”	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Não sabe dizer	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Não tem amigos	2	7,40	0	—	1	8,33	3	6,00
Não respondeu	4	14,81	0	—	0	—	4	8,00
	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00

Na construção desta tabela, assim foram classificadas as respostas apresentadas pelas entrevistadas:

– “Falsidade” inclui “*traição*”, “*inveja*”, “*pessoa ruim que prejudica*”, “*mentira*”, “*falta de sinceridade*”.

– “Presunção” significa “*metida, exibida*”, “*mexer com os outros*”, “*julgar-se melhor*”, “*orgulho*”, “*folga*”.

– “Bagunça” inclui “*chabu*”, “*brincadeira sem graça de dar tapinha*”.

– “Quando briguentos” inclui “*ignorância, grosseria*”, “*ficar gritando*”, “*quando me respondem mal*”.

– “Que encham o saco” inclui “*ficar toda hora chamando*”, “*alugar*”.

Confirmando os resultados da tabela anterior,

a “falsidade” aparece como o aspecto de maior desaprovação nas relações de amizade. Outras semelhanças: ES apresentam menor variedade de respostas e apenas algumas meninas R dizem não ter amigos.

Destaque à jovem ER que refere não gostar “*quando oferecem maconha*”. Trata-se de uma adolescente que, à época da entrevista, passava a maior parte do tempo na rua, em grupo, fumando maconha diariamente. Em conversas individualizadas, nas situações de acompanhamento psicossocial oferecidas pelo projeto, ela expressava a dificuldade de recusar a droga em seu ambiente cotidiano. Experimentava sentimentos contraditórios: percebia que o uso da maconha lhe era prejudicial, mas identificava-se com seu grupo de “amigos” e com tal estilo de vida, que lhe emprestavam um *status* supostamente de maior autonomia e maturidade. A principal estratégia de intervenção, na

época, foi trabalhar bastante com a mãe no sentido de fortalecer seu lugar de autoridade e de pro-

teção, de maneira a imprimir um novo padrão de relacionamento com a filha de apenas 13 anos.

Tabela 42 quem admira e por quê

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
A quem você admira?								
Mãe	10	37,04	3	27,27	2	16,67	15	30,00
Profissionais do Camará	5	18,52	1	9,09	1	8,33	7	14,00
Os pais/ família/ avó/ sogra	4	14,81	0	—	1	8,33	5	10,00
Namorado / companheiro	2	7,40	2	18,18	0	—	4	8,00
Amiga	0	—	1	9,09	3	25,00	4	8,00
Irmã	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Vizinho	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Pai	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Deus	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
A si mesma	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Filho	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Ninguém	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Não respondeu	0	—	2	18,18	2	16,67	4	8,00
Por que admira?								
Batalhador (a)	8	29,63	2	18,18	2	16,67	12	24,00
Inspira confiança	4	14,81	0	—	3	25,00	7	14,00
É compreensiva (o)	4	14,81	2	18,18	1	8,33	7	14,00
“É legal”	4	14,81	0	—	3	25,00	7	14,00
Ajuda as pessoas	3	11,11	1	9,09	2	16,67	6	12,00
Simpático / adorável / meiga / romântica	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Inteligente	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Bonita(o)	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
“É humilde”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“São importantes para mim”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Criador de tudo/ sábio	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“Me pôs no mundo”	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
“É mais livre”	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Não respondeu	0	—	3	27,27	0	—	3	6,00

Ao provocar um questionamento do tipo – quem você admira? – esperamos apreender quais os modelos identificatórios apresentados por nossos sujeitos. Importantes aspectos subjetivos surgem aqui, a nos revelar distintos valores que prevalecem em cada grupo. Nesta tabela preferimos explicitar todos os personagens familiares que foram citados, destacando os mais expressivos, para podermos avaliar melhor tais diferenças.

No contexto geral a “mãe” aparece como pessoa mais admirada, no entanto isso não acontece igualmente nas três categorias. Há um decréscimo no número de meninas que apontam a mãe em primeiro lugar, quando seguimos nossa análise de R para ES, até que para esta última cate-

goria ela perde para as “amigas”.

Para R, os familiares são citados em 60% das respostas, mas o pai aparece de forma diluída, como “pais” ou “família” em geral. Isso indica que a família continua sendo o principal modelo identificatório para a maioria dessas meninas, mas com predominância maciça dos personagens femininos, em especial a mãe.

Analisando as ocorrências em ER: o lugar da família se fragiliza, a figura do namorado proporcionalmente adquire maior expressão e já aparece uma ocorrência para “amiga”. Vale destacar a baixa auto-estima revelada pela jovem que disse não admirar “ninguém, porque ninguém me admira”. O panorama reflete claramente o distanciamento da menina em relação à família

e uma crescente valorização dos personagens que compõem seu mundo fora de casa.

As jovens em situação de exploração sexual, a despeito de valorizarem mais as amigas que os familiares, não citam namorados. No entanto, aparecem respostas como admirar a “si mesma” ou ao “filho” *“porque ele é meu”*. Parecem falar de um lugar mais solitário que as demais, onde as poucas amigas são aquelas que ao dividir moradia e algumas angústias, enquanto se mostrarem sinceras e fiéis servem como modelo de identificação. É nessa categoria que aparece a única ocorrência para “pai” separadamente, mas devemos esclarecer que tal jovem foi criada pela avó e não convive com ele há anos, mantendo uma imagem idealizada desse pai.

“Profissionais do Camará” aparecem como pessoas admiradas nas três categorias, mas seguindo o mesmo ritmo decrescente dos personagens familiares em geral. Parece evidente estabelecer essa relação, já que tais profissionais significam para elas, na maioria das vezes, a mediação com o universo familiar. Esses dados expressam também a dificuldade dessas meninas na vinculação aos projetos de atendimento, que aumenta na mesma proporção em que se agrava a situação de risco. Assim, era de se esperar que em R os profissionais fossem mais citados que nos demais grupos.

Em relação aos motivos pelos quais nossos sujeitos admiram as pessoas, apresentamos abaixo as respostas consideradas em cada item descritivo, de maneira que o leitor possa contar com melhores elementos de análise.

– “Batalhadora” inclui *“sofredora”, “trabalhadora”, “por tudo que já passou na vida”, “tudo está nas costas dela”, “sofreu na mão do pai que bebia”, “sofre por ter filha presa”, “exemplo por ter cuidado de nove filhos”, “forte”*.

– “Inspira confiança” inclui *“não fala as coisas pra ninguém”, “sinceridade”, “honestidade”, “fidelidade”*.

– “É compreensiva(o)” inclui *“tem boa cabeça, a gente conversa muito”, “fala as coisas certas na hora certa”, “compreende as pessoas”, “me compreende”, “dá conselhos”*.

– “É legal” inclui *“não tem maldade”, “pessoa boa”*.

– “Ajuda as pessoas” inclui *“atenção com as pessoas”, “tem cuidado”, “faz coisas pra mim”*.

– “Bonita(o)” inclui *“bonito e gostoso”* (ER).

– “Não respondeu” inclui *“não admira ninguém”*.

A principal justificativa apontada para se admirar as pessoas, “ser batalhador(a)”, aplica-se quase que integralmente à figura da mãe; apenas duas destas referências foram aplicadas também a “profissionais do Camará”. Podemos ver aqui qual a figura materna que é admirada pela maioria dessas jovens: a mãe sofredora, que suporta as adversidades. Exatamente a imagem que permeia nosso imaginário cristão, no qual o verdadeiro valor espiritual e a redenção estão depositados no sofrimento e na submissão. Observemos que a prevalência desse fator decresce para as categorias ER e ES, nas quais a figura materna, muitas vezes, não sustenta esse lugar de resistência. Ao contrário, e considerando o fato de que a mãe tem sido a principal referência familiar, a fragilidade dessa figura, na maioria dos casos, tem sido um indicador importante do risco social a que os filhos estão expostos.

Curioso observar que as meninas ER admirem, ainda que não intensamente, este aspecto da pessoa “batalhadora” e daquela que “compreende/ dá conselhos”. Parecem estar a nos dizer que é exatamente disso que necessitam: uma referência que suporte, que agüente as adversidades e não as abandone; que consiga compreendê-las para poder orientar. Numa atitude oposta, ainda que ambígua, revelando o encantamento da vida descompromissada, aquela mesma menina que se queixava dos amigos que lhe ofereciam maconha aponta uma característica admirável na amiga por esta “ser mais livre” e não ter quem lhe cobre por suas atitudes.

Jovens ES acentuam especialmente a “confiança”, já que o significado de “ser legal” está também muito próximo disso. Se a confiabilidade aparece como o principal motivo para se admirar uma pessoa, estão nos dizendo que vivem num mundo onde impera a desconfiança. O abandono à própria sorte, permeado por relações abusivas e exploradoras, provoca e alimenta esse sentimento. Habitadas a esse padrão de relações, é compreensível que levem tanto tempo para acreditar e confiar nos propósitos de profissionais preocupados com sua situação de vida. É compreensível, também, que busquem testar esses profissionais para se certificarem de que são confiáveis. Precisam enxergar, concretamente, se essas pessoas suportam adversidades e ainda assim podem compreendê-las e apoiá-las.

Tabela 43 quem respeita e por quê

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
A quem você respeita?								
Mãe	7	25,93	4	36,36	4	33,33	15	30,00
Profissionais do Camará	4	14,81	2	18,18	1	8,33	7	14,00
Pais / Família	7	25,93	0	—	0	—	7	14,00
Quem me respeita	2	7,40	2	18,18	1	8,33	5	10,00
Todo mundo	4	14,81	0	—	0	—	4	8,00
Avô / avó / avó do filho	1	3,70	1	9,09	2	16,67	4	8,00
Mais velhos	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
Irmã / irmão	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Tia / madrinha	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Deus	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Pai	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Cunhado	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Filhas	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Colegas	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Familiares em geral (soma)	20	74,07	5	45,45	8	66,67	33	66,00
Não respondeu	0	—	2	18,18	2	16,67	4	8,00
Por que respeita?								
É um dever	8	29,63	2	18,18	4	33,33	14	28,00
Porque me respeitam	4	14,81	1	9,09	1	8,33	6	12,00
Apóia / ajuda	2	7,40	3	27,27	0	—	5	10,00
Para ser respeitada	1	3,70	2	18,18	1	8,33	4	8,00
São mais velhos	3	11,11	0	—	1	8,33	4	8,00
Porque educa	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Segunda mãe	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Me sustenta / me criou	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Porque é confiável/ compreensivo	0	—	0	—	2	16,67	2	4,00
Dá amor / carinho	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Porque é responsável	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Não respondeu	3	11,11	2	18,18	2	16,67	7	14,00
SÍNTESE:		(T=24)		(T= 9)		(T= 10)		(T= 43)
Compromisso ético	12	50,00	2	22,22	6	60,00	20	46,51
Relação de troca	5	20,83	3	33,33	2	20,00	10	23,26
Motivo concreto	7	29,17	4	44,44	2	20,00	13	30,23

Enquanto admiração se refere a modelos identificatórios, respeito estabelece uma referência à autoridade. Para melhor visualizarmos a diversidade de personagens investidos de autoridade pelos nossos sujeitos, apresentamos nesta tabela a frequência para cada um deles. No entanto, como a maioria se refere a familiares, apresentamos também a somatória dessas ocorrências, para efeito de comparação entre os grupos categoriais.

Novamente, a mãe aparece em primeiro lugar, representando quase um terço das respostas. As meninas R apontaram com igual frequên-

cia “pais/família”, que inclui novamente a figura da mãe, dobrando portanto a ocorrência dessa resposta. Este item não aparece em ER nem ES, marcando aí uma grande diferença quanto à autoridade que a família representa, para cada subgrupo, ainda que para essas duas categorias a mãe pareça mais respeitada do que admirada. Interessante assinalar que os avós surgem como personagem nos três grupos, ainda que com poucas referências.

“Profissionais do Camará” aparecem com a mesma frequência que na tabela anterior. Destaque seja dado à situação de uma jovem ER,

que antes de citar alguém da nossa equipe hesitou bastante em responder à questão, demonstrando grande dificuldade em reconhecer, a princípio, alguém a quem de fato respeitasse.

Consideremos as justificativas apresentadas pelas jovens para se respeitar as pessoas:

– “É um dever” inclui *“porque minha mãe manda”, “porque sim”, “não tem porquê”, “porque é mãe”, “os mais velhos sempre têm razão”, “todo mundo respeita a mãe, ela me dá respeito eu respeito ela também”, “é essencial entre mãe e filha”, “porque saí de dentro dela”*.

– “Apóia/ajuda” inclui *“porque acompanham o que faço”* referindo-se à família, *“respeito minha avó porque ela é mais que uma mãe, está sempre ali para ajudar”*.

– “Porque educa” inclui *“ensina o que é vida”, “fala o que é melhor pra gente”*.

– “Me sustenta/me criou” inclui *“é responsável por mim”*.

Após esta primeira categorização identificamos três blocos de respostas, que concentram distintos significados, os quais apresentamos na tabela como “síntese”. Consideramos aí, para cálculo das porcentagens, apenas o número de jovens que responderam a essa questão. Assim formulamos a “síntese”:

– “Compromisso ético” inclui *“é um dever”, “são mais velhos”, e “segunda mãe”*.

– “Relação de troca” representa *“porque me respeitam” e “para ser respeitada”*.

– “Motivo concreto” inclui as demais respostas.

Considerando nosso universo total de jovens, a noção de respeito como um “compromisso ético” aparece em primeiro lugar. Para um número significativo de meninas R e ES, o respeito aos outros, antes de tudo, deve ser um dever. Respeitar os mais velhos, ou alguém que ocupe o lugar de mãe, são respostas que seguem a mesma linha, em ambas as categorias. Interessante observar essa correspondência de posições entre R e ES, o que realça a diferença com relação a ER: estas apontam prioritariamente os motivos concretos para justificar seu respeito a alguém.

Podemos pensar que a situação de extremo risco, caracterizada por diversas formas de instabilidade, provoque uma atitude mais pragmática nessa menina no sentido de dirigir seu respeito antes às pessoas que lhe dediquem apoio, atenção ou afeto. Sua condição de vida é resultado de um profundo desrespeito às suas necessidades básicas, sejam materiais ou afetivas. É fácil compreender por que a maioria delas não demonstram uma atitude de respeito a priori, mas apenas em resposta a um comportamento positivo do outro.

Destaquemos ainda dois pontos: 60% das respostas para ES relacionaram respeito a compromisso ético; tais respostas se referiram sempre ao respeito incondicional às mães. E, por fim, o que chamamos aqui de “relação de troca” ficou em nível intermediário, aparecendo em todas as categorias. A compreensão de que há que se respeitar para ser respeitado, e vice-versa, aparece por meio de colocações como *“se todo mundo se respeitasse as coisas seriam bem melhores”*.

CAPÍTULO IX

projetualidade

As tabelas analisadas a seguir referem-se às necessidades apontadas pelas entrevistadas, seus desejos, medos e projetos de futuro. Tais questões suscitaram mais de uma resposta para

algumas meninas, e todas foram consideradas. Para melhor visualização desses dados, em algumas tabelas agrupamos as respostas em categorias de análise mais gerais.

Tabela 44 necessidades

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)		nº	%
	nº	%	nº	%	nº	%		
Quais suas principais necessidades?								
Necessidades materiais	14	51,85	6	54,55	9	75,00	29	58,00
Trabalhar / ganhar dinheiro	8	29,63	4	36,36	5	41,67	17	34,00
Moradia	3	11,11	0	—	2	16,67	5	10,00
Roupas	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Alimento	1	3,70	0	—	2	16,67	3	6,00
Bicicleta	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Necessidades subjetivas	9	33,33	4	36,36	8	66,67	21	42,00
Atenção	3	11,11	3	27,27	1	8,33	7	14,00
Vida melhor	0	—	1	9,09	1	8,33	2	4,00
Um futuro	0	—	0	—	2	16,67	2	4,00
Amizades sinceras	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Família unida	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Companhia	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Paz	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“Confiança do pai”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“Pensamentos bons”	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
“Um pai para meu filho”	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Ir para Rio de Janeiro	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Educação e saúde	6	22,22	4	36,36	3	25,00	13	26,00
Educação	3	11,11	3	27,27	3	25,00	9	18,00
Saúde	2	7,40	1	9,09	0	—	3	6,00
Curso de Dança	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“Tudo”	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
“Nada”	2	7,40	0	—	1	8,33	3	6,00
Não sabe dizer	2	7,40	2	18,18	0	—	4	8,00

Nesta primeira tabela a maioria das respostas foi agrupada em três blocos: necessidades materiais, necessidades subjetivas, educação e saúde. Poucas meninas responderam evasivamente “tudo” ou “nada”, e outras não souberam dizer.

Necessidades materiais foram apontadas por 58% das jovens, sendo que “trabalhar/ganhar dinheiro” aparece em primeiro lugar nos três grupos categoriais. A carência material deste grupo social revela-se dramaticamente em respostas como “necessidade de alimento”, explicitada por uma menina R e duas ES. “Roupas” aqui inclui “roupa e sapato para ir à escola” (R), e “moradia” inclui “uma casa”, “um quarto” e “uma casa de bloco” em contraposição ao barraco de madeira onde reside (R).

Destaque ao fato de jovens ER não terem feito

referências à moradia: para a situação de extremo risco isso não aparece como uma questão, já que predomina o distanciamento em relação à família e o movimento de suposta liberdade que o ritmo da rua oferece. Estar aqui e ali, sem paradeiro fixo, é característico de tal situação. Em contrapartida, é neste grupo que aparece a necessidade de uma “bicicleta”: algo que possibilita mais autonomia, porque a cidade é plana e esse veículo se constitui num meio de transporte bastante utilizado pela população.

Entre as necessidades subjetivas, “atenção” aparece em primeiro lugar para R e ER. Aqui surgiram respostas como “atenção por causa da gravidez”; “amor e carinho”; “carinho e amor da família”; “afeto, cuidados”. Interessante verificar que algu-

mas meninas ER estejam expressando a situação de abandono que motiva sua condição atual. A mesma desatenção que pode significar, entre as meninas R, o perigo de evolução para uma situação mais crítica de risco pessoal e social. A falta de atenção identificada por elas pode provocar rupturas com a família, por isso nessas situações o apoio ao grupo familiar torna-se fundamental para evitar o agravamento da situação e reverter o quadro para relações mais acolhedoras.

Sobre este bloco de respostas observamos que as jovens ES enfatizaram, ainda que sutilmente, a necessidade de vislumbrar um futuro melhor. Enquanto meninas R solicitam “família unida” ou “confiança do pai”, ES estão preocupadas em manter “pensamentos bons”, encontrar “um

pai para seu filho”, ou ir ao Rio de Janeiro reatar um namoro. “Amizades sinceras” aparecem como necessidade para esses dois grupos.

Quase 20% de nossos sujeitos apontam “educação” enquanto necessidade de “*estudo*”, “*escola*”, “*faculdade*”, “*curso de informática*”. Observe-mos que os maiores índices neste item recaem sobre os dois grupos nos quais a evasão escolar é maior: ER e ES. Isso nos indica que a despeito da dificuldade em freqüentar a escola, há um reconhecimento explícito de que a escolarização é uma necessidade atual. Portanto, mais uma vez temos elementos para enxergar que a evasão escolar não pode ser interpretada apenas em âmbito individual, enquanto um fracasso pessoal, mas como resultado de uma atuação institucional insatisfatória.

Tabela 45 **desejos**

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Quais os seus desejos?								
Questões materiais	17	62,96	3	27,27	3	25,00	23	46,00
Casa melhor	7	25,93	1	9,09	1	8,33	9	18,00
Trabalhar	5	18,52	1	9,09	2	16,67	8	16,00
Moto	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
“Que não falte nada em casa”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“Comprar roupas”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“Ganhar na loto”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“late e carro do ano”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Relações afetivas	9	33,33	4	36,36	6	50,00	19	38,00
Constituir família	5	18,52	2	18,18	1	8,33	8	16,00
Namorado / irmã fora da cadeia	1	3,70	0	—	2	16,67	3	6,00
Ajudar a família	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Saúde para a família	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“Ficar em paz com a família”	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Voltar para casa	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
“Estar perto das pessoas que ama”	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
“Ter uma família certa”	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Reatar o namoro	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Auto-referência	15	55,56	5	45,45	4	33,33	24	48,00
Fazer Faculdade	5	18,52	0	—	0	—	5	10,00
Ser feliz	3	11,11	1	9,09	1	8,33	5	10,00
Ser alguém na vida	2	7,40	0	—	1	8,33	3	6,00
Futuro melhor	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Ter a própria vida	0	—	0	—	2	16,67	2	4,00
Sair de São Vicente	0	—	2	18,18	0	—	2	4,00
Paz	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Viajar bastante	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Ser polícia feminina	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Ser advogada	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Sucesso no parto	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Não tem desejos	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Não sabe	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
Não respondeu	0	—	2	18,18	2	16,67	4	8,00

Os dados obtidos com relação aos desejos que nossos sujeitos expressaram nas entrevistas foram organizados, nesta tabela, em três blocos. Agrupamos as respostas segundo o seu significado: referências a questões que envolvam ganhos ou bens materiais, questões afetivas enquanto pressuposto de relacionamento interpessoal ou desejos referidos apenas a si mesmas.

Face ao volume de respostas apresentadas para esta questão, verificamos que as meninas R expressaram um número bem maior de desejos: 41 respostas para 27 sujeitos. Os demais grupos obtiveram a seguinte proporção: 12 respostas para 11 sujeitos ER e 13 respostas para 12 sujeitos ES. Este quadro nos faz estabelecer uma relação direta entre o grau de risco social e a formulação de desejos: quanto maiores as limitações decorrentes da condição de vida da menina, mais reduzida se torna sua capacidade de sonhar, de projetar algum futuro.

Considerando os três blocos de respostas, podemos observar em R a prevalência de “questões materiais”, seguida muito de perto de “auto-referência”. Este último é o que prevalece para ER, sendo que para ES em primeiro lugar aparecem as “relações afetivas”.

Analisemos os desejos apontados pelas meninas R. Mais de 25% delas gostariam de ter uma casa melhor, incluindo “*melhorar a minha casa*”, “*ter minha própria casa*”, “*um sobrado bonito com móveis novos*”, “*ter minha casa e minhas coisas*”, “*uma casa espaçosa*”, “*uma casa pra morar sozinha com meu filho*”. Trabalhar, constituir família e fazer faculdade aparecem empatados em segundo lugar, em quase 20% das respostas.

As meninas ER enfatizam mais os aspectos que traduzimos por “auto-referência”, tais como sair de São Vicente (“*morar em Santos*”), ser feliz, ter um futuro melhor, ser advogada. Desejam ainda constituir a própria família, “ter uma família certa” significando “*que a mãe não bebesse*” ou reatar um namoro recém interrompido. O conjunto dos aspectos materiais como moradia e trabalho, além do desejo de ter uma moto, ficaram em terceiro lugar.

As relações afetivas tiveram um peso maior para as jovens ES, as quais se revelam aqui, novamente, mais solitárias que as demais. Nesse bloco de respostas apontam em primeiro lugar o desejo de que pessoas queridas estejam fora da prisão, seja namorado ou irmã. Além de desejar constituir a própria família, ainda aparecem respostas como “*ficar em paz com a família*”, “*voltar para casa*” e “*estar perto das pessoas que ama*”. Em relação às questões materiais citam apenas moradia e trabalho, enquanto no último bloco falam sobre “ter a própria vida”, “ser alguém na vida” e “ser feliz”. Este quadro nos apresenta uma situação de grande desconforto emocional, parecendo indicar que a situação de exploração sexual, a despeito de possibilitar condições materiais um pouco melhores que as de suas famílias originárias, reflete, e talvez alimente, uma carência afetiva importante. É como se nos dissessem que *não podem mais* estar em paz com a família, estar perto de quem amam ou ser “alguém” na vida. E se seus desejos parecem não ter possibilidade de realização, a auto-estima e a capacidade de formular projetos de vida certamente ficam prejudicados.

Tabela 46 medos

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Quais os seus medos?								
Morte	9	33,33	3	27,27	1	8,33	13	26,00
Morte da mãe	10	37,04	2	18,18	0	—	12	24,00
Solidão	0	—	2	18,18	6	50,00	8	16,00
Teme pelos filhos	1	3,70	1	9,09	3	25,00	5	10,00
“Mundo do crime”	1	3,70	1	9,09	1	8,33	3	6,00
Perder o namorado	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
Não realizar os sonhos	0	—	1	9,09	2	16,67	3	6,00
Perder a confiança/ o amor da mãe	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Teme pelos irmãos	2	7,40	0	—	0	—	2	4,00
“Tubarão / Barata e morcego”	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Perder avó / pai	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Pegar doença	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Ir para um orfanato	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Medo do parto	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
“Não conseguir entrar na faculdade pública”	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Escuro	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Filme de terror	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Andar de navio	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Não tem medo de nada	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
Não respondeu	0	—	3	27,27	2	16,67	5	10,00

O tema mais recorrente quando se questiona sobre o medo é a morte: 50% das meninas disseram ter medo de morrer ou de que a mãe morra. No entanto, considerando cada categoria separadamente, as ocorrências denunciam situações muito diferentes.

No primeiro grupo, das meninas R, a morte da mãe aparece em primeiro lugar, incluindo o medo de “perder alguém da família”. Dada a maior proximidade dessas jovens com o grupo familiar, tal índice se justifica, bem como o fato de serem as únicas a expressar o temor pelos irmãos: “medo dos irmãos se envolverem com drogas e roubos”. É somente aqui também que aparece o medo de perder o namorado ou “alguém que ame muito”. As meninas R ainda preservam fortes laços familiares, expressos pela preocupação com o bem estar dessas pessoas, o que não se aplica com a mesma intensidade nos outros grupos.

A maior frequência de respostas para ER recai sobre o medo de morrer, ainda que em menor grau que o grupo anterior, enquanto o receio de perder a mãe, para essas jovens em extremo risco, decresce sensivelmente. Em contrapartida aparece aqui o medo da solidão, denunciando sentimentos provocados pela situação de abandono. No geral, as respostas colhidas neste grupo demonstram maior grau de auto-referência do que de relacionamento com

outras pessoas.

Analisando o posicionamento das jovens em situação de exploração sexual chama a atenção o alto índice de medo da solidão (50%), ao mesmo tempo em que a morte da mãe não mais aparece enquanto preocupação. Incluímos em “solidão” respostas como “medo dos amigos se afastarem”, “ser abandonada por todos”, “perder as pessoas que eu amo na vida”, “das pessoas virarem as costas pra mim”. Falam de uma posição na qual a família originária há muito perdeu o lugar central, cedendo-o para o temor em relação aos filhos: medo de “perder meu filho”, da “filha adoecer”, “perder o filho ou o pai pegar ele”, “que meu filho cresça e entre no crime ou na droga”. Mostram também, com alguma expressividade, o medo de não realizarem os sonhos como “medo de não construir um futuro bom pra mim”.

Percebemos aqui uma grande diferença em relação às outras categorias: estas jovens estão revelando para nós a instabilidade que caracteriza tal situação, aparentemente consolidada num papel social já definido, mas na verdade marcada pelas incertezas e pela solidão. Seus temores estão referidos à fragilidade da sua condição de vida, os quais precisam ser administrados para suportar a angústia que daí decorre. É preciso que se mostrem fortes, poderosas, deste-

midas, para não serem tomadas pelo duro sentimento de abandono e solidão. Por isso que, inicialmente, é tão difícil permitirem ser cuidadas nos

projetos de atendimento: para tanto há que admitir esse vazio e entrar em contato com os sentimentos que buscam negar.

Tabela 47 **projetos futuros**

Aspectos do perfil	GRUPOS CATEGORIAIS						TOTAL (50)	
	Risco (27)		Extremo Risco (11)		Exploração Sexual (12)			
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
O que você projeta para sua vida adulta?								
Ter a própria família	8	29,63	4	36,36	1	8,33	23	46,00
Casa própria	9	33,33	3	27,27	4	33,33	16	32,00
Bom emprego/ trabalhar	8	29,63	2	18,18	5	41,67	15	30,00
Ser feliz	4	14,81	2	18,18	0	—	6	12,00
“Ter a própria vida”	3	11,11	0	—	0	—	3	6,00
Ser uma boa mãe	2	7,40	0	—	1	8,33	3	6,00
Curso universitário	8	29,63	2	18,18	4	33,33	14	28,00
Fazer faculdade	2	7,40	1	9,09	1	8,33	4	8,00
Ser psicóloga	2	7,40	0	—	1	8,33	3	6,00
Ser advogada	1	3,70	1	9,09	0	—	2	4,00
Ser veterinária	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Ser enfermeira	1	3,70	0	—	1	8,33	2	4,00
Ser médica	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Ser massagista	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
“Ser dançarina, cantora ou modelo”	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Trabalhar em creche	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Ser polícia feminina	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Ser vendedora de loja	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Escola boa / cursos	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Família reunida	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Ajudar a família	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Saúde	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Morar em Santos	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Morar com colegas	0	—	1	9,09	0	—	1	2,00
Ter amigos	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Ter moto	1	3,70	0	—	0	—	1	2,00
Ter um carro	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Ter celular	0	—	0	—	1	8,33	1	2,00
Não sabe / não pensou	3	11,11	2	18,18	0	—	5	10,00

“Ter a própria família” aqui incluiu “*casar e ter filhos*”, “*construir uma família*”, “*ter um bom marido, que não seja preguiçoso, e filhos*”, “*ter filhos*”, “*dar para o filho um pai*”, “*viver com o filho*”, “*cuidar do filho e do marido*”. Esta resposta aparece com boa frequência para meninas R e ER, mas não para ES. As jovens prostituídas projetam para o futuro, em primeiro lugar, um trabalho regular ou “*emprego fixo*” e uma moradia mais digna traduzida por algumas como “*casa boa*”. O padrão familiar constante no imaginário da maioria, com marido e filhos, se mostra quase ausente nas respostas apresentadas por elas.

Talvez estejam manifestando certo desalento provocado pela solidão, que as torna mais pragmáticas e estimula a expressão de projetos no qual se priorize amores e afetos.

Citando profissões, quase 30% do total se referem a ocupações que exigem curso superior. Deste grupo, duas ES estão fora da escola, levando-nos a entender que nesse caso não se trata de um projeto estruturado, mas expressão de um desejo sem visão de processo, delegado à dimensão do pensamento mágico. As demais, ainda que terminem o Ensino Médio, terão pouquíssimas chances de cursar uma universidade.

Infelizmente, terão tais projetos abortados pela própria condição social, que não as prepara para os concorridos vestibulares das universidades gratuitas, nem comporta o custeio de faculdades particulares. Provavelmente, não terão chance de realizar seus projetos de “*cursar faculdade de veterinária ou pediatria*”, “*trabalhar de médica ou advogada*” ou “*passar na universidade pública*”.

No geral, apesar das ênfases diferenciadas, nossas meninas sonham com um futuro no qual

vivam com as pessoas amadas, possam morar com dignidade e tenham um trabalho que lhes garanta a existência.

Sonham com aquilo que é básico para qualquer cidadão, cujas condições de acesso é preciso oferecer. É papel da sociedade, a partir de segmentos diferentes e complementares, garantir que nossas crianças e jovens possam sonhar e realizar seus sonhos de uma vida digna e cidadã, protegidos de todas as formas de violência.

Esta pesquisa teve sua origem na necessidade de melhor qualificarmos nosso trabalho de atendimento a jovens em situação de risco social e pessoal. Acreditamos que a articulação entre teoria e prática é fundamental, e a tomamos como nossa principal metodologia de trabalho na busca de melhores estratégias de enfrentamento às graves questões que afetam essa juventude.

Como em toda produção de conhecimento, seja nas ciências naturais ou nas ciências humanas, os resultados dessa pesquisa estão referidos à nossa visão de sujeito e de mundo, e não estão colocados de forma conclusiva. Apontam várias facetas do grupo estudado, propiciando um sem-número de reflexões e novas análises a serem formuladas pelos leitores. Nosso objetivo foi alcançado: trouxemos à tona vários e distintos aspectos do perfil psicossocial das meninas acompanhadas pelo Camará, apontando para a relação entre o grau de risco social e a vulnerabilidade à exploração sexual.

Compreendemos o sujeito em sua complexidade sócio-histórica, o que nos obriga a encarar a realidade na qual se insere não como mero cenário para o desenrolar das ações, mas como substrato constitutivo de sua existência singular. Se cada pessoa é produto das relações que estabelece com o mundo, mediante o significado que atribui às suas experiências particulares, ao buscarmos compreender a subjetividade é preciso considerar as condições concretas da vida dessa pessoa. Por isso empreender uma análise dialética, relacionando a

expressão subjetiva ao contexto na qual é produzida, que é sempre social e histórico.

Um importante resultado dessa pesquisa se revela a partir da caracterização dos grupos categoriais definidos a priori – Risco, Extremo Risco e Exploração Sexual – com relação aos aspectos abordados nas entrevistas. Pudemos concluir, no decorrer da análise, que as meninas em situação de Extremo Risco expressam um conjunto de comportamentos e atitudes mais imprevisíveis, se destacando daquilo que aparece com certa uniformidade nas outras duas categorias.

O Extremo Risco é a situação limite perante a vitimização, por se constituir justamente na condição de vulnerabilidade da menina quanto à exploração sexual. Estão rompendo com a família, não freqüentam regularmente espaços educativos, não desenvolvem atividades que alimentem projetos futuros. Estão à mercê dos acontecimentos, vivendo um período caracterizado por muitas incertezas e poucas definições. Suas colocações ora se aproximam mais de um grupo categorial ou do outro, expressando esse lugar social indefinido, transitório, exposto às possibilidades que surgirem no caminho. Como nossa sociedade ainda não tem priorizado políticas públicas inclusivas, que permitam a essas jovens uma existência cidadã, as possibilidades que geralmente encontram nas ruas são permeadas pela violência, exploração e ilegalidade.

Na Avaliação de Resultados que realizamos ao final do Projeto As Meninas – fase III, o grupo em

Considerações finais

situação de extremo risco foi quem nos brindou com o imprevisto. Havíamos planejado ações intensas de Acompanhamento Psicossocial¹ junto às adolescentes prostituídas, e atividades predominantemente grupais para as outras. No entanto, a realidade nos exigiu igual intensidade no acompanhamento individualizado das meninas em extremo risco, no sentido de lhes provocar alguma reflexão e apresentar possibilidades mais auto-construtivas de estar no mundo. Essa mudança estratégica possibilitou, entre outras coisas, maior aproximação conosco das jovens em exploração sexual: puderam sentir confiança a partir do que viam de nossa atuação junto às outras meninas, construindo paulatinamente uma referência positiva em relação ao Camará. Quanto às meninas em extremo risco, ao final de um ano 40% delas evoluíram para uma situação menos vulnerável e nenhuma delas se prostituiu.

A prática nos revelou que intervir nessas situações significa apresentar e favorecer o acesso a ou-

tras possibilidades, por meio da presença ao mesmo tempo constante, firme e acolhedora dos profissionais envolvidos. De outro lado, quando se focaliza o fenômeno da violência sexual, depara-se com aspectos perversos da nossa realidade social que precisam ser enfrentados e transformados. A tarefa não se resume, portanto, apenas no atendimento dessas jovens em espaços que promovam desenvolvimento protegido. É preciso que nos reconheçamos como atores sociais ocupando diferentes lugares, mas compondo, inexoravelmente, o jogo de relações que produz a realidade compartilhada por todos. Provocar transformações qualitativas na vida dessas jovens exige mudanças em esferas que são, além de psicológicas, sociais, culturais e políticas. Implicação e empenho na transformação da sociedade, a partir do lugar social de cada um de nós, deve transparecer em nossas práticas para que não sigamos, coletivamente, realimentando e reproduzindo exclusão, intolerância e tantas formas de violência.

¹ Buscando fazer uma transposição do campo da Saúde Mental para o campo social da adolescência em situação de risco, partimos da estratégia do *Acompanhamento Terapêutico* para acompanhar nossos jovens em situações de seu cotidiano, buscando produzir novas conexões desse sujeito com sua realidade e a resignificação de aspectos desse cotidiano. Os acompanhamentos geralmente são marcados por uma atividade que promova algum tipo de movimento, de abertura, de contato. São realizações compartilhadas, de algo que naquele momento faça sentido para o jovem acompanhado: fazer alguma compra, matricular-se na escola, fazer um passeio, ir ao médico ou ao dentista, estudar e fazer trabalhos escolares, conversar com professores, promover uma festa (aniversário, chá de bebê), arrumar o quarto recém-alugado, visitar a família, enfim, o *Acompanhamento Psicossocial* se caracteriza pela atuação do profissional na interface entre o sujeito acompanhado e a multiplicidade de espaços nos quais este circula. É uma prática que se deixa afetar pelas características do espaço onde acontece.

- ARIÈS, Philippe (1978) - **História Social da Criança e da Família**. RJ, Ed. Zahar.
- AZEVEDO, Maria Amélia - GUERRA, Viviane N. de Azevedo (orgs) (1989) – **Crianças Vitimizadas: A Síndrome do Pequeno Poder**. SP, Iglu Editora.
- BOCK, Ana M. Bahia - GONÇALVES, M. Graça M. - FURTADO, Odair (orgs.) (2001) – **Psicologia Sócio-Histórica**. SP, Cortez Editora.
- CLÍMACO, Adélia Araújo de Souza (1991) - **Repensando as concepções de adolescência**. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, PUC – SP.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.) (1996) – **Psicologia Social Comunitária – da solidariedade à autonomia**. Petrópolis/RJ, Vozes.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da (2001) - **Pedagogia da Presença – da Solidão ao Encontro**. Belo Horizonte/MG, Modus Faciendi, 2ª edição.
- FALEIROS, Eva T. Silveira (2000) - **Repensando os Conceitos de Violência, Abuso e Exploração Sexual de Crianças e de Adolescentes**. Brasília, Thesaurus.
- FALEIROS, Vicente de Paula (coord) (1997) - **Fundamentos e Políticas Contra Exploração e Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes**. Brasília, Ministério da Justiça.
- FURNISS, Tilman (1993) – **Abuso Sexual da Criança – Uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre/RS, Artes Médicas.
- GABEL, Marceline (1997) – **Crianças Vítimas de Abuso Sexual**. SP, Summus Editorial.
- GOMES, Romeu (1996) – **O Corpo na Rua e o Corpo da Rua – A prostituição infantil feminina em questão**. SP, Unimarco Editora.
- GONZÁLEZ REY, Fernando (1999) - **La Investigación Cualitativa en Psicología – Rumbos y Desafios**. SP, EDUC.
- GONSALVES, Elisa Pereira (org.) (2002) – **Educação e Grupos Populares: temas (re)correntes**. Campinas/SP, Editora Alínea.
- GONSALVES, Elisa Pereira (2002) – **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas/SP, Editora Alínea.
- GUARESCHI, Pedrinho A. - CAMPOS, Regina Helena de Freitas Campos (orgs.) (2002) – **Paradigmas em Psicologia Social – A perspectiva Latino-Americana**. SP, Vozes.
- GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo (1998) – **Violência de Pais contra Filhos: a tragédia revisitada**. SP, Cortez Editora.
- LEAL, Maria de Fátima Pinto e CÉSAR, Maria Auxiliadora (org) (1998) - **Indicadores de Violência Intra-Familiar e Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes**. Brasília, CECRIA, Ministério da Justiça, CESE.

Bibliografia recomendada

- LEAL, Maria Lúcia Pinto (1999) - **Exploração Sexual Comercial de meninos, meninas e de adolescentes na América Latina e Caribe: Relatório Final – Brasil**. Brasília, CECRIA, UNICEF, CESE, Ministério da Justiça, Visão Mundial, Instituto Interamericano del Niño.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) (1994) – **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade**, RJ, Vozes.
- MADEIRA, Felícia Reicher (1997) – **Quem Mandou Nascer Mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil**. RJ, Unicef/ Ed. Rosa dos Tempos.
- MORIN, Edgar (1986) – **O Método III – O Conhecimento do Conhecimento**. Portugal, Publicações Europa-América.
- MORIN, Edgar (2002) – **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. SP, Cortez.
- SANTOS, Benedito Rodrigues dos (1996) - **A Emergência da Concepção Moderna de Infância e Adolescência**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais - Antropologia, PUC-SP.
- SANTOS, Benedito Rodrigues dos – A cidadania “Regulada” de Crianças e Adolescentes (1999) - **Estudos – Revista da Universidade Católica de Goiás**. n.1, v.26, Goiânia.
- SAWAIA, Bader (org.) (1999) – **As Artimanhas da Exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis/RJ, Vozes.
- SOUSA, Sônia Margarida Gomes (2001) – **Prostituição Infantil e Juvenil: Uma análise Psicossocial do Discurso de Depoentes da CPI**. Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC-SP.
- STREY, Marlene Neves - MATTOS, Flora - FENSTERSEIFER, Gilda - WERBA, Graziela (orgs.) (2001) – **Construções e Perspectivas em Gênero**. São Leopoldo/RS, Ed. Unisinos.
- TEIXEIRA, Lumena Celi (2001) – **O Outro Lado do Espelho – A exploração sexual sob o olhar de adolescentes prostituídas**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC-SP
- VAZ, Marlene (1997) – A Situação do Abuso Sexual e da Exploração Sexual Comercial Contra Crianças e adolescentes no Brasil. In: COSTA, João de Jesus da (coord) – **Rompendo o Silêncio**. Seminário Multiprofissional de Capacitação Sobre Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, São Luiz/MA, CEDECA/ Procuradoria da Justiça.
- VAZ, Marlene (2002) – Palavras que fazem a terra tremer. In **Infância na Mídia** nº 12, O Grito dos Inocentes, ANDI, Brasília.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich (1996) - **Teoria e Método em Psicologia**. SP, Martins Fontes.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich (1998) - **Pensamento e Linguagem**. SP, Martins Fontes.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich (1999) - **A Formação Social da Mente**. SP, Martins Fontes.

1. Dados pessoais

Nome (completo): _____

Data de Nascimento: ____/____/____ **Idade:** _____

Local de nascimento: _____

Mora em São Vicente há quanto tempo: _____

Local de moradia atual:
 Rua: _____
 Bairro: _____ CEP: _____ Cidade: _____ UF: _____ Tel: _____

Nome de pessoa para contato: _____

Ponto de Referência: _____

Cor: () branca () negra () parda () amarela

Estado civil (legal): () solteira () casada () união marital () separada () viúva

Estado civil (de fato): _____

Filhos: () sim () não **Número de filhos:** _____

Mora com os filhos? () sim () não

Documentos: () não tem () RG () Carteira de Trabalho () Título de Eleitor () outro

2. Dados da família

Pai: () conhecido () não conhecido () falecido () vivo
 Rua: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ UF: _____ Tel: _____

Mãe: () conhecida () não conhecida () falecida () viva
 Rua: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ UF: _____ Tel: _____

Pessoa com quem convive/ reside atualmente:
 Rua: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ UF: _____ Tel: _____

3. Dados de escolaridade

Estuda atualmente: () sim () não
Tipo de escola: () pública () particular () outro

Curso que estuda: () fundamental: série _____ () médio: série _____
 () curso profissionalizante: () outros _____

Nome da escola, se estuda: _____

Local: _____

Em que série parou? _____

Quando? _____

Qual o motivo? _____

Como vê a escola? _____

Anexo: modelo de pesquisa

4. Dados de saúde

O que é saúde para você? _____

Você cuida da sua saúde? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Exemplifique: _____

Você acha que existe alguma relação entre sua saúde e o ambiente em que você vive?

() sim () não () mais ou menos () não sei responder

Você costuma usar algum serviço de saúde? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, qual? _____

Em que situação procurou o serviço de saúde? _____

Como foi o atendimento? _____

Alguma vez já esteve internada em hospital? () sim () não () não sei responder

Já fez alguma cirurgia? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, indique qual e porquê. _____

Atualmente você tem alguma doença? () sim () não () não sei responder

Se sim, quais? _____

Atualmente você usa algum remédio? () sim () não () não sei responder

Se sim, indique quais e porquê. _____

Você acha que precisaria de algum médico hoje? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, por quê? _____

Já foi ao dentista? () sim () não () não sei responder

Se sim, onde? _____

Em que situação procurou o dentista? _____

Como foi o atendimento? _____

Acha que precisaria de dentista hoje? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, por quê? _____

Você tem carteira de vacinação? () sim () não () não sei responder

Você sabe que vacinas já tomou? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, indique. _____

Na sua opinião para que servem as vacinas? _____

Você já teve alguma orientação sobre sexualidade? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, onde? _____

Com quem? _____

Com quem conversa sobre esses assuntos? _____

Você tem vida sexual ativa? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Conhece algum método anticoncepcional? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, qual? () camisinha masculina () camisinha feminina () pílula () tabela () DIU () diafragma
() coito interrompido () métodos naturais (muco e temperatura do corpo)

Usa algum método? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, qual? _____

Sabe sobre os riscos de não utilizar nenhum método? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Como seria para você engravidar nesse momento de sua vida?

Já ouviu falar em doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Quais você já ouviu falar? () AIDS () sífilis () gonorréia () outras

Conhece algum método preventivo? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, indique quais. _____

Você usa algum método? () sim () não () mais ou menos () não sei responder **Se sim, indique quais.**

Já teve algum aborto? Se sim, como ocorreu? _____

Fuma? () sim () não () às vezes

Há quanto tempo? _____

Bebe? () sim () não () às vezes

Há quanto tempo? _____

Já experimentou algum tipo de droga? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, quais? () maconha () cocaína () crack () cola () outras

Com que idade? _____

Continua usando? () sim () não () às vezes

Quais? () maconha () cocaína () crack () cola () outras

Com que frequência? _____

Já fez algum tratamento? () sim () não () mais ou menos () não sei responder

Se sim, onde? _____

Como foi o atendimento? _____

5. Dados sócio-econômicos

Renda familiar: () sem rendimento () até 01 salário mínimo () de 01 a 02 salários mínimos
 () de 03 a 05 salários mínimos () mais de 05 salários mínimos

Renda da adolescente: () sem rendimento () até 01 salário mínimo () de 01 a 02 salários mínimos
 () de 03 a 05 salários mínimos () mais de 05 salários mínimos

Atividade principal:

do pai _____
 da mãe _____
 do responsável legal _____
 com quem mora/convive atualmente _____
 da adolescente _____

Composição familiar (quem reside na casa onde mora): _____

Moradia: () casa própria e paga () casa própria e financiada () casa alugada () casa de amigos/parentes
 () vaga em pensão () sem moradia () em instituição

6. Dados de atividades de socialização

Tem atividades de cultura? () sim () não **Se sim, indique o que faz e onde:**

Tem atividades de esportes? () sim () não **Se sim, indique o que faz e onde:**

Tem religião? () sim () não **Se sim, é praticante?** () sim () não **Indique a sua religião:**

Nos momentos de lazer, o que mais gosta de fazer? _____

Dos amigos: o que mais gosta neles? _____
 O que menos gosta? _____

A quem você admira? _____
 Por quê? _____

A quem você respeita? _____
 Por quê? _____

O que mais gosta de fazer: _____

Quais as suas principais necessidades: _____

Quais os seus desejos: _____

Quais os seus medos: _____

O que você projeta para a sua vida adulta? _____

7. Dados complementares

Conhece o Estatuto da Criança e do Adolescente? () sim () não () mais ou menos

Se conhece, o que mais chama a sua atenção nessa lei? _____

Já ouviu falar do Conselho Tutelar? () sim () não () mais ou menos

Já foi atendida pelo Conselho Tutelar? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Como foi o atendimento? _____

Já ouviu falar do Juizado da Infância e Juventude? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Já foi atendida pelo(a) Juiz(a)? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Já ouviu falar da Promotoria da Infância e Juventude? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Já foi atendida pelo(a) Promotor(a)? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Já ouviu falar da Delegacia de Polícia? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Já ouviu falar da Delegacia de Defesa da Mulher? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Já esteve em alguma Delegacia? () sim () não

Se sim, qual? _____

Lembra o motivo? _____

Como foi o atendimento? _____

Conhece a FEBEM/SP? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Já esteve na FEBEM? () sim () não

Como foi o atendimento? _____

Conhece algum Abrigo? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Já esteve algum tempo abrigada? () sim () não

Como foi tratada/atendida na instituição? _____

Conhece outro programa de atendimento social? () sim () não () mais ou menos

Se sim, indicar a circunstância/momento ou motivo: _____

Como foi tratada/atendida no programa social? _____

8. Anotações complementares (utilizar também o verso da folha)

Data final da coleta dos dados: ____/____/____

Nome do Entrevistador: _____